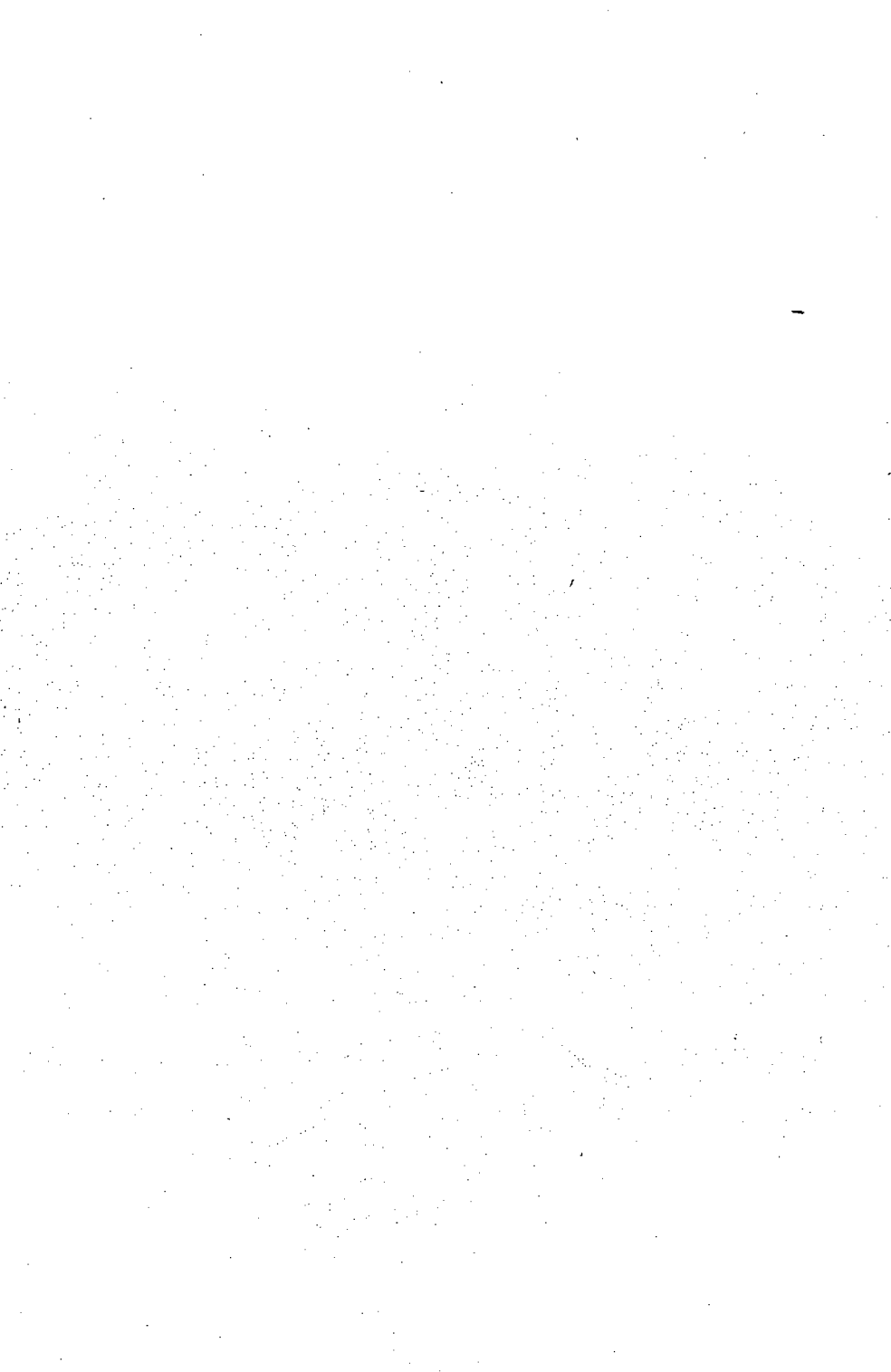


A Coleção Biblioteca Carioca escreve a história desta megalópole através de textos dos escritores que nela nasceram ou viveram. Pompéia é um deles.

Então mudem-se para o século passado. Levem tios de bigode espesso, malas inchadas de vento e esperança, percam-se nos trilhos do ontem. Silêncios orvalhados e "*des longs bavardages dans l'obscurité*".

"Passando pela rua da Uruguaiana, às sete horas da noite do dia 27, fui surpreendido por um movimento excepcional de multidão no ponto dos *bonds*. Na calçada, perto da entrada dos Dezoito Bilhares, havia sangue. Falava-se de um homem assassinado, de honra, desafronta, adultério; conversasse com a brusca familiaridade que se permite toda gente, nos momentos de emoção popular. Um indivíduo acaba de tirar a vida de outro com três balas de *revolver*, apresentando-se à prisão como vingador de brios de marido".



CRÔNICAS DO RIO

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Cesar Maia

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Helena Severo

DEPARTAMENTO GERAL DE DOCUMENTAÇÃO E
INFORMAÇÃO CULTURAL

Vera Mangas

DIVISÃO DE EDITORAÇÃO

Diva Maria Dias Graciosa

CONSELHO EDITORIAL

Vera Mangas (*presidente*)

Alexander Nicolaeff

Alexandre Mendes Nazareth

Anna Maria de Andrade Rodrigues

Diva Maria Dias Graciosa

Heloisa Frossard

Luciano Raposo de Almeida Figueiredo

Marília Rothier Cardoso

Renato Cordeiro Gomes

Vera Beatriz Siqueira

CRÔNICAS DO RIO

Raul Pompéia

Virgílio Moretzsohn Moreira
organizador



Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Secretaria Municipal de Cultura
Departamento Geral de Documentação e
Informação Cultural
Divisão de Editoração

869.0(81)-94
P788

ex: 2

Coleção Biblioteca Carioca
Volume 41
Série Literatura

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
BIBLIOTECA
15247
29/8/1996

Direitos desta edição reservados ao Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural da Secretaria Municipal de Cultura
Proibida a reprodução sem autorização expressa
Printed in Brazil / Impresso no Brasil
ISBN 85-85884-06-1

Edição de texto, diagramação e revisão
Divisão de Editoração do C/DGDI: Célia Almeida Cotrim, Diva Maria Dias Graciosa, Rosemary de Siqueira Ramos
Estagiários: Adriana Fraga (editoração eletrônica), Maria Luiza Oliveira e Silvia Necho Pastore (revisão), Eduardo Tavares (programação visual)

Projeto gráfico da capa
Heloisia Frossard

Arte final do miolo
Valentim de Carvalho

Editoração eletrônica
Sylvia Waechtler

Edição base: POMPÉIA, Raul. *Obras*. v. VI
Crônicas I. Organização de Afrânio Coutinho
Rio de Janeiro: MEC-FENAME/OLAC/Civilização Brasileira, 1982.

Catálogo: Diretoria de Bibliotecas C/DGDI

Pompéia, Raul, 1863-1895
Crônicas do Rio / Raul Pompéia; Virgílio Moretzsohn Moreira organizador. - Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1996.
112p. - (Coleção Biblioteca Carioca; v.41. Série literatura)

1. Crônicas brasileiras. I. Moreira, Virgílio Moretzsohn, 1945 - coord. II, Título. III. Série.

CDD 8869.3

Divisão de Editoração C/DGDI
Rua Amoroso Lima, 15 sala 106 Cidade Nova
20211 - 120 - Rio de Janeiro- RJ
Telefone (021)273-3141
Fax (021)273-4582

SUMÁRIO

9 PREFÁCIO

Pompéia nas orlas da eternidade

15 CRÔNICAS DO RIO

95 BIBLIOGRAFIA

97 SUGESTÕES DE LEITURA SOBRE O AUTOR

POMPÉIA NAS ORLAS DA ETERNIDADE

Raul d'Ávila Pompéia viveu onze mil novecentos e vinte dias. Morreu há cem anos. Em 25 de dezembro de 1895, demitido do cargo de diretor da Biblioteca Nacional pelo presidente Prudente de Moraes - seu primeiro despacho -, o aluno do professor Abílio César Borges, o barão de Macaúbas, desatendendo ao que havia aprendido no Colégio Abílio - para onde entrara aos dez anos em regime de internato -, ou seja, a educação tem por escopo, segundo as palavras do psicólogo inglês Alexandre Bain, suavizar os costumes, criar hábitos de abnegação, favorecer o equilíbrio das faculdades, desenvolver, enfim, o homem na sua integridade, atirou em sua vida e atingiu o coração das letras brasileiras.

Conhecido como autor de *O Ateneu* - mestre Alfredo Bosi diz não conhecer "outro romance em nossa língua em que se haja intuído com tanta agudeza e ressentido com tanta força o trauma da socialização que representa a entrada de uma criança para o mundo fechado da escola" -, Raul escreveu crônicas para o *Diário de Minas*, *O Farol*, *O Estado de São Paulo*, *Gazeta da Tarde*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Commercio*. Três estados do Brasil - Minas, Rio e São Paulo - receberam, portanto, linhas dele. E quantos mais precisariam, naquele Brasil de Corte e senzalas, de verões palacianos e pecadoras estruturas sociais?

Helena Severo, que governa com a docilidade de sua presença e força de ação empreendedora a cultura no município do Rio de Janeiro, vem editando, para que todos leiam, os principais textos sobre o Rio de Janeiro. Segue-se Raul Pompéia, cujo centenário de morte se dá neste 1995. O que Arararipe Júnior, primeiro crítico de Pompéia, diz ter encontrado em sua

arte, uma “coesão de tons”, surpreendo também eu aqui neste outono canicular, quando folhas não tombaram ainda, mas esperanças de que o Brasil caminhe tão bem. Vivemos uma espécie de ucronia psicológica e intelectual, atrasados e avançados ao mesmo tempo, ganglionar Brasil que vem de Portugal, que vem do amálgama de dois fragmentos - o leonês e o sarraceno.

Sim, mas estamos no Rio de Janeiro, cujos 430 anos comemoramos recentemente. Plena arborescência? Ainda. Que idade tem uma cidade? Das chuvas plurimedonhas de março - tenho a impressão que o Tom ouviu-me a frase -, de tiros perdidos e tanto achados, das moças e moços imbricados em si mesmos, mergulhados em milionárias intimidades e receios - amor é isto -, das ruas destruídas e vadias, dos perigos ambulantes, mas deste enorme Senhor de Pedra que nos vê do alto, “nesta cidade do Rio de Janeiro, de dois milhões de habitantes, estou sozinho no quarto, estou sozinho na América”, contou-nos Drummond em décadas passadas -, estes versos poderiam estar em algum hino -, Rio palpável e querido, vejo-o das ainda matas da Gávea, onde domicílio paz e desejos, seus escritores viveram um pouco por você, escreveram-lhe em páginas de livros mais ou menos conhecidos, você, quem sabe, amor dos amores vistos e sentidos.

O poeta Porto Alegre escreveu, referindo-se à Cidade Maravilhosa: “Oh ! destino feliz que me guiaste a este panorama”. Rio de Carlos Lacerda, e ponho aqui, aos vossos olhos, linhas inapagáveis de texto dele, intitulado “O Rio já nasceu cidade”, o menino Carlos nasceu na rua Alice 41, Laranjeiras, “numa casa que tinha, em cada canto da fachada, uma cabeça de mulher, uma com a lua nascente, outra com uma estrela posta na cabeça de massa, como um celeste diadema”. Rio de, afinal e sempre, Raul d’Ávila Pompéia, que nos acompanhará mais de perto a partir do próximo parágrafo.

OS ALAMARES DA EMOÇÃO

Com dez anos, Raul é matriculado no colégio Abílio. “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta”. Primeiras linhas do romance *O Ateneu*, momentos vestibulares do escritor que iniciara a carreira com o livro *Uma tragédia no Amazonas* (1880). Depois do Colégio Abílio, o Pedro II, assim internando-se mais e mais na realidade carioca. Era 1879, antes da República, antes dos saneamentos citadinos pelos quais passaria a cidade nos prefácios do século seguinte. Em seguida, em folheto, publica *Um réu perante o povo*, acusando sensibilidade sismográfica para aquilo que Giambattista Vico, o sociólogo do *corsi e ricorsi*, diz ser o que o homem conhece bem, “*il mondo delle nazioni*”, o universo social. Pompéia é um tímido, embora com vontade política para enfrentar os magníficos debates que se anunciavam no país. Em 1881 começa o curso de Direito na Faculdade de São Paulo, então dominada pela onda de idéias reformistas, de acordo com as doutrinas vigentes: materialismo, positivismo e naturalismo. O que significava, em uma palavra, empenhos expressivos pela causa abolicionista e republicana. Conhece Luís Gama, abolicionista pujante, e vive-lhe os pensamentos, iniciando publicações em vários jornais. Em 1883, perseguido por um professor, é reprovado, o que o faz ir para Recife, onde entra em contato com Tobias Barreto, que não o impressiona tanto. Pompéia já bebera as fontes francesas. Formado, volta ao Rio de Janeiro, e retoma intensamente pelos jornais a pauta republicana. Defende Floriano Peixoto e sua continuação no governo. No enterro do marechal faz exaltado discurso. Luís Murat, em artigo (“Um louco no cemitério”), aprova a demissão do escritor da direção da Biblioteca Nacional, afirmando ser ato correto do governo

entrante. Pompéia responde em artigo que não é publicado em *A Notícia*, jornal em que colaborava. Deprimido, suicida-se. Morte, devastação da corporeidade? É possível imaginar Sísifo feliz, como pediu Camus? Suicídio, resolução psicótica de uma interação criminosa? Em *O cogito melancólico da modernidade* Christine Buci-Glucksmann deixa sua marca: “a melancolia é o preço pago pelos modernos à perda do trágico grego: perdendo o trágico, o presente ganha em desespero”. O que perdeu Pompéia, além da mera vida? Dirá o próprio: honra? Louco, chamou-o Murat. Louco é a diversidade represada, ensina Foucault. Diverso eternamente, não suportou viver a dessemelhança. Alamares da emoção.

O GUME DOS DIAS

A cidade é um horizonte, não pertence mais ao cidadão, nem este a ela. Escapou da medida humana, tornou-se um *patchwork*. Rio de Janeiro é uma colcha de retalhos? A Coleção Biblioteca Carioca escreve a história desta megalópole através dos textos dos escritores que nela nasceram ou viveram. Pompéia é um deles.

Então mudem-se para o século passado. Levem tios de bigode espesso, malas inchadas de vento e esperança, percam-se nos trilhos do ontem. Silêncios orvalhados e “*des longs bavardages dans l'obscurité*”.

“Passando pela rua da Uruguaiana, às sete horas da noute do dia 27, fui surpreendido por um movimento excepcional de

multidão no ponto dos *bonds*. Na calçada, perto da entrada dos Dezoito Bilhares, havia sangue. Falava-se de um homem assassinado, de honra, desafronta, adultério; conversava-se com a brusca familiaridade que se permite toda gente, nos momentos de emoção popular. Um indivíduo acabava de tirar a vida de outro com três balas de *revolver*; apresentando-se à prisão como vingador de brios de marido”. Coincidência ou obstinação do homem, que quer sempre matar outro, monotonamente perverso? Na mesma cidade do Rio de Janeiro; só que revólver ainda se escrevia no original, agente ele de um crime nada original.

“Em um terreno do Restaurante Campestre do Jardim Botânico, bateram-se em duelo dous rapazes da imprensa, Germano Hasslocher e Pardal Mallet. Duelo legítimo, de sangue”, escreve Pompéia em 9 de dezembro de 1888. Que duelantes as ruas assistem hoje a duelar? Todos. Portamos floretes floretíssimos, adagas legítimas, tanques aguçados e expeditos a nos favorecer o flanco e proteger tronco e membros, até que venha a polícia...

Linhas em seguida lhes ofereço aqui. Despeço-me. Não sou RP, muito menos Raul Pompéia. Entrego todos vocês às crônicas ditas do mesmo, esperando que obtenham a mistura medida de prazer e conhecimento, razão de viver a vida, na palavra daquele que era aumentativo em si mesmo: Platão.

Rio de Janeiro, outono de 1995
Virgílio Moretzsohn Moreira

CRÔNICAS DO RIO

Caiu, caiu agora verdadeiramente no Senado o meteorito Indenização destacado do céu da pilhéria do sr. barão de Cotegipe. Caiu de uma vez o Bendengó. E nada mais natural, que outro não é o destino das estrelas cadentes.

Em vão bateu-se a velha guarda de 20 de agosto.

O sr. Paulino falou, *patuit dea*, como a divindade da circunspecção. O nobre senador das resistências timbrou profundamente a palavra com a mais séria das vibrações proféticas. Apostrofou a regência, espetando o dedo agoureiro nas nuvens de sebo do mais escuro horizonte. Também o vencedor das Pirâmides falara em quarenta séculos... O sr. barão de Cotegipe, no desespero, franziu todo o *riktus* da conhecida mordacidade e levou a combate a grosseria tarimbeira de uma frase chula. Também contra a bandeira vitoriosa dos ingleses, houve o palavrão heróico de um soldado...

E Waterloo consumou-se.

Consolem-se com o precedente histórico das águias vencidas, os Bonaparte e Cambronne da derrota de ontem.

Tivemos no dia 14 a festa de julho da colônia francesa . As casacas dançaram sob os lustres brilhantes do Cassino Fluminense. Diante desta alegria, da *toilette* aristocrata, a imaginação é levada a considerar a feição atual da sociedade no mundo que os pobres heróis e mártires de 89 pensam haver deixado outro, depois do regímen antigo dos pesados Bastilhos. A casaca, que há tempos os comunistas de Paris lançavam em rosto ao seu ardente chefe Lisbonne que fora ao baile de Carnot, a casaca pode sem perigo festejar o aniversário das glórias do poviléu. A blusa é mansa e deixa-se calcar mesmo pela ironia fora das horas do heroísmo vingador.

Depois da revolução começou um século a que os retóricos deram o nome de século do operário; e, entretanto, pode-se afirmar que os operários o vão atravessando, dia a dia, com a bandeira alçada da miséria - *pão e trabalho*. Agora mesmo chegam de Roma notícias de graves amotinações de esfaimados que devem ter ecoado desencontradamente com a grita jubilosa dos parisienses.

Festejemos 14 de julho como uma data de esperança; mas convencidos de que a natureza humana não se reforma nunca definitivamente; que a paz social é necessariamente opressora; que o egoísmo tranqüilo tende a fazer-se maior egoísmo; que os vícios sociais anteriores à revolução subsistem transformados: foram apenas mais grosseiros outrora; que os homens generosos devem estar alerta na luta permanente, conquistando para o vencido o mais que puder ceder o vencedor, sempre pela transformação liberal, sempre pela revolução, que, quando não tenha outra vantagem, tem a ocasião da alternativa na fortuna, o que é sempre uma errata para as iniquidades.

Continuaram ainda e continuam os estrepitosos despachos da telegrafia platina.

As atenções do povo argentino para com os representantes da nossa imprensa têm sido tais que ultrapassam muito o que fora de esperar da natural cortesia.

Qual será o resultado das amistosas expansões no futuro,

é o que os fatos nos não de dizer. Tenho para mim que as saudações cordiais da população e dos representantes do espírito da vizinha república não significam quanto se pretende. Faço votos, todavia, para que valha o mais longamente possível este conceito de Enrique Moreno: *“Las glorias comunes del pasado deben traducir-se en solidaridad perpetua en el porvenir, porque es ese el sentimiento profundo que anima a los dos Pueblos, y allí estan los intereses de la America entera”*.

A vida das noites tem sido insignificante.

Enchentes nos circos dos irmãos Amato e dos irmãos Carlo. Nos teatros, ainda maior banalidade.

O sucesso cotidiano é mantido triunfalmente por duas maravilhas de bom gosto: o *Pedro Sem* do Dias Braga e o *Naufrágio do vapor Porto* de Guilherme da Silveira.

No dia 15, ofereceu o Jockey Club um grande baile ao povo fluminense, nos salões do cassino. A afluência foi verdadeiramente espantosa. O baile esteve na altura dos créditos da ilustre sociedade de *sportmen*.

Dizem que com esta festa despede-se o aristocrático edifício da rua do Passeio das suas tradições de elegância e coreografia. Vai comprá-lo o governo e muda-se o foro para ali com debates dos tribunais e a miséria das chicanas, condenando os tetos opulentos, tanta vez animados pela ressonância da música seleta de Artur Napoleão e das mais sedutoras concertistas do *high-life*, a fazer eco eternamente ao pregão esganiçado dos meirinhos à praça.

*Cortc, 19 de julho de 1888.
Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 22 jul 1888.*

Mas abandonemos o odioso motivo das cifras por outras variações da crônica ligeira. Não direi cousa alguma sobre os debates do Senado, onde se repisa o assunto dos bancos de emissão; não transmitirei palavra do que por aqui se conversa a respeito da colossal transferência da Leopoldina, para as mãos de capitalistas estrangeiros; quando muito referir-me-ia ao banquete financeiro que se vai oferecer hoje de noite ao senhor visconde de Figueiredo, se não fosse um assunto... futuro. Nem mesmo admito que possa um redator de leitura amena conceber, sem remorso, que se faz com o ouro luminoso, com a rútila prata, a mesma prata, o mesmo ouro das manufaturas divinas de Cellini, o veículo mesquinho dos interesses e da cobiça.

Demais, o Rio de Janeiro cresce e a seara aumenta das colheitas do pitoresco e do dramático; e quando o assunto aqui não superabunda, chega-nos sempre de fora o material das palestras, que o espírito fluminense assimila e transforma como se fosse indigno da calçadas da rua do Ouvidor.

Isto aconteceu, por exemplo, com a notícia dos assassinatos de Barra Mansa. Houve terror e espanto, nas mesas das confeitarias, nas esquinas das três horas, quando as repartições se fecham, e nas esquinas das quatro e cinco, quando o parlamento abala, terror e espanto nas fisionomias e na eloquência dos comentários; como o dos crimes da vizinhança de casa, como se Barra Mansa fosse um arrabalde muito para cá da Penha ou de Guaratiba.

Atribuiu-se o duplo crime a miseráveis emulações de politiquinhos de aldeia, asseverando-se que foi a Guarda Nacional o assassino do engenheiro Horta Barbosa e do coronel Ramos Nogueira.

Falou-se, depois, vagamente, em questões de família e verificou-se que o suposto assassino, não a Guarda Nacional, mas o comendador Nogueirinha, era um paralítico impossibilitado de manejar o trabuco.

Sabe-se, finalmente, que quem deu os tiros foi Antônio Nogueira de Macedo, um rapaz que eu conheci no colégio, e

contam por aí que o móvel do delito foi uma queixa antiga, de atribulações oriundas do odiado coronel ferido, às quais deve o comendador Nogueirinha a morte da esposa. Horta Barbosa foi assassinado por engano.

Não sei qual mais espantoso: se o motivo do primeiro homicídio, se a falta de motivo do segundo.

Antônio de Macedo revelou, desde os tempos colegiais, esta feição de caráter: audácia e desastramento .

Apareceram um dia no colégio alguns cavalos xucros: “Quem é capaz de montar?” perguntou o diretor. Macedo foi quem primeiro apresentou-se para o atrevimento. Manteve-se algum tempo sobre o animal em pêlo. Gordo, porém, e pouco destro, não pôde o rapaz agüentar os pinotes e foi sacudido longe, no meio da grama.

Inventou-se, passados tempos, o divertimento perigoso dos saltos mortais. Para auxiliar o impulso, armou-se uma prancha sobre um cavalete a dous terços, ficando uma das extremidades livre para o esforço elástico. “Quem quer saltar?” perguntou o diretor.

Macedo foi o segundo a oferecer-se. Correu, formou o pulo. Não conseguindo completar a arriscada volta, por ser a primeira vez que a tentava, caiu em cheio sobre o peito no colchão que, por prudência, se colocara embaixo. Ainda assim, esteve dez minutos sem fala e, depois, de cama a tratamento.

Esta mania de ousar sem medir conseqüências, denunciando certo desequilíbrio das faculdades, foi o estímulo que o moveu ao desforço atroz de verdadeiras ou imaginárias ofensas.

E dir-se-ia que de longa data premeditava um cometimento este sombrio visionário. Referem que, há muito, amestrava-se em exercícios de pontaria, alcançando a terrível perícia de que deu exemplo, e a busca policial descobriu-lhe no quarto um laboratório completo de preparações tóxicas, cujo inventário poderia ilustrar com vantagem o mais exigente dos romances-rodapé.

Em todo caso, sou de parecer que a psicologia destas

culpas de indivíduos, criminosos por exceção, em meio de uma existência vulgar, normalmente burguesa, há de ser um eterno problema para os julgamentos humanos.

Como a razão íntima dos suicídios em geral. O suicida deixa uma carta. Disfarçando-se em explicações elucidantes, a carta pode bem ser o testamento cerrado de um segredo que ninguém descoserá.

Então, quando expira sem mais, sem uma satisfação de respeito por esta miséria de humanidade, que talvez o não compreendesse...

Por que suicidou-se Joseph Cailteau?

A cidade toda conhecia-lhe a expressão tranqüila de bondade, o sorriso sonhado com que se pendia a um cumprimento, do seu balcão, na rua do Ouvidor, à fresca, no rodaque branco, fazendo a escrituração da voracidade fluminense. Que trágica irritação fervia dentro daquelas aparências de calma?

As condições financeiras do novo estabelecimento, que instituíra com o resultado da venda vantajosa da sua primeira e famosa confeitaria, não eram menos que excelentes...

Há algum tempo, passava eu com um amigo pela nova casa do honrado confeitoiro, quando vimos, à vitrine, no meio dos cromos dos cofres de doces para presentes e das balas douradas de amêndoas, um magnífico ramalhete de flores de pano. “Melhores que a da Rosenwald”, disse-nos um caixeiro e informou quem as fazia.

Eu bem quisera achar agora aquele ramo. Talvez falassem as flores; e então aprenderíamos a história dramática de um homem que soube romper violentamente com o próprio coração, que enriquecera, entretanto, de lisonjear o estômago dos outros.

Esteve na corte o dr. Silva Jardim, de passagem, seguindo a excursão política que, com todo o sucesso, começou de São Paulo.

O jovem tribuno é o mesmo rapaz ardente da academia. O calor da sua sinceridade tem sido a boa estrela dos seus triunfos.

Em alguns lugares da província do Rio, pretenderam perturbar-lhe a patriótica empresa de propaganda. Imputaram à polícia e à criançada as perturbações. É possível que não somente desses indivíduos, e tão grosseiramente, houvesse partido manifestação contrária.

O movimento republicano, na presente época, se tem por si a maré próspera dos despeitos, há de, por isso mesmo, encontrar a relutância dos meticulosos que recearam confundir a efusão dos sentimentos radicalmente honestos com as águas turvas dos ressentimentos.

A novidade teatral que tivemos foi acompanhada dos meninos Taleni, estreando no Recreio Dramático.

A velha barbaridade dos artistas precoces.

A primeira atriz, que não se pode comparar com a inolvidável Gemma Cunniberti, conseguiu arrancar lágrimas, lágrimas à sala toda na representação da *Primeira dor* de Fabiscotore. Havia convulsões de lenços nos camarotes...

Que querem? O dramazinho escrito para Gemma é o grito angustioso de uma filhinha órfã. E são tão fáceis as lágrimas das mães...

26 de julho de 1888.
Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 29 jul. 1888.

Aperta-se a curiosidade pública ao redor de um cadáver, há não sei quantos dias, e não sei quantos dias passarão ainda, antes que se dissolva o tropel insaciável dos bisbilhoteiros do sangue.

Falei na última crônica da seara do pitoresco que se alarga entre nós, por desgraça do mundo e mor folga dos exploradores de assunto, e falei dos motivos dramáticos de fora, que o espírito fluminense faz seus, como se indígenas fossem (o tipógrafo benévolo quis compor *indignos*) das calçadas da rua do Ouvidor, desfiando os comentários palpitantes das esquinas, a propósito do crime de Antônio de Macedo.

Pois continuavam as atenções voltadas para a terrível ocorrência da Barra Mansa, quando três estampidos de arma de fogo, no Centro da cidade, vieram mudar brutalmente a direção dos cuidados indagadores da população.

Passando pela rua da Uruguaiana, às seis horas da noite do dia 27, fui surpreendido por um movimento excepcional de multidão no ponto dos *bonds*. Na calçada, perto da entrada dos Dezoito Bilhares, havia sangue. Falava-se de um homem assassinado, de honra, desafiada, adultério; conversava-se com a brusca familiaridade que se permite toda gente, nos momentos de emoção popular.

Um indivíduo acabava de tirar a vida a outro com três balas de *revolver*, apresentando-se à prisão como vingador dos seus brios de marido.

Uma corrente de povo curioso endireitava-se para a rua da Lampadosa, onde há uma estação de polícia. Para lá tinham sido levados o assassino e o cadáver da vítima.

Na sala da frente do posto, que ocupa um prédio assobradado de três janelas, via-se sobre um sofá, estendido na palhinha, mostrando o queixo recentemente barbeado, com uma pasta de sangue à direita da boca, o cadáver do assassinado. Tinham-lhe aberto o *paletot*, arregaçado a camisa, e o peito aparecia, claro, de uma lividez amarelada do marfim antigo, o peito e o estômago do indivíduo excepcionalmente robusto. No rosto voltado, de grandes bigodes pretos, e nos olhos entrecerrados,

deixando ver a pupila, crispando uma contração de brejeirice sinistra, caracterizava-se ainda uma fisionomia de audácia e provocação.

Nos fundos da casa, onde construíram o xadrez, estava o criminoso. Encostava-se a uma espécie de armário, diante da grade verde dos detentos. Um homem de estatura comum, de modestos trajos, moreno, que a pouca luz do lugar e o revestimento de pavor, que parece isolar, de um momento para outro, os homens que matam, amorenava mais, como denegrindo tristemente. Achatava-se sobre a gravata um grande *cavaignac* preto, como os cabelos caracolados, e segurava com as duas mãos baixas a aba do chapéu mole. Dir-se-ia mais envergonhado do que abatido depois do que fizera.

Houve o interrogatório.

Do dia seguinte, de contínuo até hoje, tem a imprensa acumulado informações e notícias.

O assassino é Umbelino Joaquim de Silos, ex-proprietário do hotel Baiano e negociante de fogões na rua de São Pedro. O morto chamava-se Antônio de Santana Ramos e era estabelecido com casa de bilhares na rua da Uruguaiana.

O assassino afirma que, há mais de quatro anos, era constantemente perseguido por Santana Ramos, que não contente de haver-se feito amante notório, escandaloso de sua mulher, vivia a amofiná-lo por meio de missivas, encontros propositais na rua, escárnios, alusões cruéis à desgraça doméstica, levando a insolência irritante a ponto de fazer passar a mulher adúltera pela porta de Silos e seguir após, acenando insultosamente para o marido.

Maria de Silos, a culpada, é uma pardinha de vinte anos, pobre criatura sem educação nem senso moral, anêmica de corpo e alma, a quem tem faltado energia sequer para definir uma atitude em frente do lamentável escândalo de que é figura central. Limita-se à inércia de mentir à toa. Levou ao necrotério duas coroas para o amante morto e o negou perante a justiça; nega que tenha jamais traído o marido, do qual vive separada em condição de divórcio; nega que tenha conhecido Santana Ramos

mais do que como simples vizinho no tempo do hotel Baiano e, todavia, no testamento do assassinado ela é indicada como herdeira da terça.

Afirmam que é filha natural do capitalista Alexandre Correia Vilar, que Silos acusava de favorecer a aproximação criminosa de Maria e Ramos. Alexandre Vilar contesta a paternidade que se lhe atribui, e publica hoje declarações que mostram a situação comercial de Silos, comprometida em um bloqueio de dívidas do seu negócio, fundado e cedido por Alexandre a crédito de letras.

A publicação de hoje modifica a feição primitiva do drama, acrescentando ao estímulo da honra ofendida e das irritações, o desespero das circunstâncias comerciais.

Com este depoimento das letras assinadas, o herói decresce um pouco no romance da dignidade cavalheiresca. Os tribunais devem, porém, pesar como atenuante decisiva a posição de um desgraçado comprimido de toda parte, pela infidelidade da mulher, pelas injúrias de um sujeito sem escrúpulos e pelo desastre dos seus interesses.

Era bastante referir esse acontecimento para ter transmitido a nota do dia, a nota repetida e insistente de todos estes dias mais próximos, da vida na Corte.

Ficaram esquecidos, na vulgaridade do noticiário, os dous pavões emplumados do banqueiro Figueiredo e o sucesso dos jornalistas de volta de Buenos Aires, o Dermeval com o lindo bronze artístico que lhe ofereceu o presidente da República: uma barcarola de bronze, a gôndola tranqüila, o gondoleiro, de varejão firmado e uma deliciosa mulher, à popa, reclinada, comprimindo contra o seio um bandolim... símbolo, sem dúvida, da paz que, com exceção do senhor Ávila, desejam todos que se eternize entre as duas nações. Ficaram esquecidos os episódios do parlamento, todas as sortidas da oposição, todas as evasivas felizes do governo, que vai maravilhosamente desapontando os

boatos de crise que não há muito faziam correr os interessados...

Como acontecimentos do mundo artístico, devo registrar a chegada de Pedro Américo, com a tela do *Grito do Ipiranga*, que foi para São Paulo, antes que o Rio de Janeiro pudesse espiar-lhe um recanto. Pelas fotografias expostas, avalia-se. Deve ser uma composição de efeitos audaciosos de colorido, como o é de desenho, reproduzindo-se a maneira teatral à Gustave Doré que é tanto do gosto do ilustre mestre brasileiro.

Registre-se, igualmente, a partida de Belmiro de Almeida para a Itália, uma viagem que equivale à promessa dos triunfos para a arte nacional que o pintor dos *Arrufos* pode bem, decerto, conseguir.

Ainda nos domínios da arte e, para concluir, insiro a notícia do jantar que oferecem hoje alguns amigos ao dr. Ferreira de Araújo no restaurante do Club Beethoven. É hoje o aniversário da *Gazeta de Notícias*, o décimo terceiro, uma dificuldade fatídica de que há de sorrir o valente jornal, como de todas as outras vencidas, mais positivas, que têm constituído a sua glória.

2 de agosto de 1888.

Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 5 ago. 1888.

A crônica das noites teve o seu pequenino *sucesso*.

Não aludo à chegada da Companhia Lírica do Musella, que se apresenta de mansinho, sem notabilidades e sem estardalhaço. É aliás uma recomendação surdina de modéstia. Nem à estréia da *trupe* hoje faço alusão, nem ao tiroteio de *Apedidos* que se permutou a propósito de uma revista cômico-musical *Indenização ou República*, que vai à cena, de Coelho Neto e Rouède, em que os autores tinham encartado as notas de *Marselhesa* com a letra de algumas coplas grotescas.

Para os que não querem ir às operetas do Santana, reaberto agora, depois da sentida sinalefa, ou à pomposa *Inês de Castro* do Recreio Dramático, ou às *Médicas* que tão boa carreira têm feito com a excelente Companhia do Silva Pereira, há aqui na Corte dous gêneros de espetáculo que se têm mantido por diversos motivos, um dos quais: porque são baratinhos. Os *concertos* do *Café da Armada* e os *concertos* do *Eldorado*, de que já lhes falei.

Os *concertos* de *Armada* são quase severos, quinhentos réis a entrada, as famílias freqüentam-nos. Sobre um alto estrado de pinho claro, sentam-se em ordem meia dúzia de senhoras, americanas todas, de suposição ou de fato, uniformemente louras e rubras. Violoncelo, violinos, harpa, um trombone. Por trás uma menina de quatorze, loura como as amigas, gorducha e com um olhar carregado, de *lady Macbeth*, dedilha um piano. Ao lado da menina um mancebo de casaca, nitidamente engomado, cadencia a batuta.

Eu povo acode à música, à trucidção relativa dos trechos de ópera e das valsas em moda. O que sobretudo interessa é a senhora do trombone.

Todos a vêem, todas as noites, e parece que ainda acreditam os admirados *habitués*, que tão rijo possa uma mulher comprimir os lábios ao bocal do robusto instrumento, por mais americanamente que imaginemos.

O *Eldorado* é livre, mil-réis a entrada, *consumação* à vontade por preços comuns, concorrência animada do *demi-monde*. É espaçoso terraço; ao redor, enfileirados, uma infinida-

de de globos foscos de gás; mesas de ferro no meio; em frente um pequeno pavilhão de zinco rendado de lambrequins apresenta o palco...

O sucesso da crônica noturna foi no *Eldorado*...

Os cantores são regulares, Roger é mesmo admirável na espécie. Mas as mulheres são todo o atrativo. Economia absoluta de pano nas costas da modista.

Daí a gradação fácil segundo os gostos. Aparecem duas estrelas, que poderiam triunfar em silêncio como as outras da altura, ou como a outra de Bordenave, mas que cantam para mostrar que um defeito é nada quando concorrem muitas qualidades. Há uma terceira ruivo-queimada, *ébouriffée*, angulosa, magra, a cantar por gritos; esta aparece para neutralizar a impressão plástica das primeiras, em proveito das duas últimas que se seguem, de muito mais voz e muito menos formas. Das últimas, uma é a malícia saltitante, miudinha e diabólica. A outra é a candura ideal, vocaliza romances deliciosos, que pareciam subir como asas de anjo para a noute tranqüila.

Pois anteontem este mimoso serafim sonhado, que a gente teria medo de ofender, tocando com a pontinha de um soneto, largou-se inopinadamente do empíreo, quer dizer, do palco, sem mais razões, num assomo de fúria, e veio, como uma sogra, forrar de bofetadas as faces de um idólatra, na platéia.

Foram estas palmas de escândalo o que mais forte estalou, como palmas, diante das gambiarras de toda esta semana.

*Cortc, 9 de agosto de 1888.
Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 12 ago. 1888.*

O ativo propagandista dr. Silva Jardim fez uma conferência, domingo, no salão da Sociedade Ginástica Francesa.

A concorrência foi enorme.

É preciso que se note, contudo, que não foi popular. A idéia republicana, no período atual, está ganhando adeptos no elemento conservador. O elemento radical persiste inerte. Não sei quando conseguirão os propagandistas mover a massa democrática. A ansiedade geral, reclamando a medida humanitária de que a regência quis fazer a sua glória, encheu de tal maneira a expectativa das multidões, que o povo desaprendeu o sentido de liberdade na acepção política. Clamem os propagandistas, com toda a eloquência da história, com toda a verdade da lógica, com toda a energia das boas frases, o povo há de suspeitar que vêm do ódio todas essas razões formidáveis e ele só tem ouvidos para a dialética do amor. Querem homens livres e reclamam impacientes, esquecendo que, há dias mesmo, no regímen condenado, o número cresceu tanto dos homens que foi como um desdobramento da pátria.

A pobre gente que recusa entusiasmo à propaganda dos princípios é, entretanto, um aferidor infalível quando a teoria se traduz em fato. Contentese a propaganda com adesão dos poderosos por ora; que o apoio do povinho não faltará na oportunidade.

Atualmente, o povo prefere à política a romaria da Glória.

Há muitos anos que a festa religiosa da ermida do Outeiro não tem a concorrência de ontem.

Desde muito cedo, de manhã, até à hora do fogo, a multidão incalculável agitou-se, no largo embaixo, pela ladeira, no vasto terraço de pedra que cerca o templo.

A festa da Glória, desde o remoto período tradicional, é uma ocasião de *rendez-vous* dos príncipes com a arraia miúda. Este ano faltou o melhor do contingente da nobreza. Com o luto

do príncipe dom José, a princesa regente não pôde comparecer.

Não foi menor a ingênua alegria dos festantes, essa boa alegria econômica e franca, que se consegue com alguns vinténs, duplamente prosaica e mística que a rosca imensa e o registro bento simbolizam e resumem.

A Companhia Lírica do empresário Musella tem provado perfeitamente. Cantou a *Aída* duas vezes e o *Fausto*. Artistas regulares, coros afinados, corpo de baile insignificante, orquestra e banda excelentes. Conheci-os na *Aída*.

O tenor Rubis não possui as qualidades de estampa que o bom gosto impõe à conformação plástica dos tenores, nem a voz possante que a clave exige; sabe, porém, medir as forças e escapar perfeitamente a qualquer situação do seu papel.

As sras. Clotilde Sartori e Maria Briardi, soprano e meio-soprano, que fizeram *Ammerise Aída*, são duas cantoras educadas conscienciosas; Bolcioni é um barítono muito satisfatório. Bengardi, o baixo, parece a primeira figura da companhia, voz pura, profunda e forte.

À representação do *Fausto* não estive presente. Apareceram outros artistas. Nada lhes digo deles, como do grande concerto do *Cassino* em benefício dos asilos Ferreira Viana e do benefício do ator Vale no São Pedro de Alcântara, aos quais não tive o prazer de assistir. Há para o cronista, bem sei, o recurso da notícia alheia que se transcreve. Tempo para recorrer é que não tenho agora.

Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 19 ago. 1888.

Anteontem, às dez horas, por um luar incomparável, parti, com alguns amigos, para bordo do pequeno vaso da nossa *Marinha*, do qual é comandante um dos referidos companheiros. Passei a noite no mar, no conforto apertado do camarote. Às três e meia horas da madrugada, fui despertado pelo estampido de inúmeras salvas de dinamite. Era o sinal anunciado da passagem do Congo por Cabo Frio.

Alguns minutos depois tomava o escaler que me trouxera à deliciosa hospedagem flutuante, para ir embarcar no *Aimoré*, uma das embarcações que deviam sair à barra ao encontro do imperador. O luar continuava a deslumbrante vigília de prata, acentuando-se apenas ao redor da lua, como da fadiga, um disco pálido de olheiras. Como aportássemos, de caminho, ao cais *Pharoux*, vimos em todo o correr da amarração uma considerável massa de povo que começava a afluir para esperar a entrada do vapor francês.

Acabava exatamente de surgir o sol, baço e afogueado num horizonte de névoas, quando o *Aimoré* transpôs o Pão de Açúcar. No alto do monte, na face voltada para o oceano, desdobrava-se sobre a pedra a imensa toalha de anagem que se havia anunciado, os alunos da Escola Militar estenderiam com a inscrição, *Salve!*, em letras encarnadas de seis metros, como um bilhete de saudação ao monarca de volta.

Soube que tiveram doze horas de esforços os arrojados rapazes, conseguindo distender perfeitamente o pano com os sacos de pedras que haviam cosido na orela inferior, depois de o arriarem por meio de cordas até ao ponto conveniente. De tarde, mudaram para o lado de terra a gigantesca inscrição.

Não havia muito tempo que singrávamos o mar largo, quando ouvimos detonações de artilharia na direção da nossa mancha. O *Aquidabã* e o *Riachuelo* encontravam o Congo e salvavam. O grande vapor das *Messageries* passou por nós sem demorar a marcha.

Avistou-se logo dom Pedro entre os passageiros.

Em seguida ao *Congo*, aproaram para a barra as embarcações que tinham vindo como o *Aimoré* receber o monarca,

chegando primeiro o Riachuelo, que fez maravilhas de desembarço e velocidade durante a manobra de evoluções que teve de executar fora da baía.

Os passageiros do *Aimoré* correram à amurada, desempenhando-se as comissões de entusiasmo que vinham a bordo, por conta de não sei quantas corporações oficiais, com toda a efusão da sinceridade aclamatória.

Cerca das nove horas estava eu em terra. O desembarque de Suas Majestades demorou-se muito.

É incrível a massa de população que enchia as ruas, desde o largo do Paço até o Arsenal de Marinha. A expectativa prolongava-se desde o alvorecer; não se notava, porém, que a multidão cedesse ao cansaço.

No Arsenal formavam a Escola de Marinha, a Escola Militar, muitos colégios, as escolas municipais fardadas de branco como pequeninos soldados, de polainas, patrona aos rins, e *comblain* em descanso. No Arsenal ainda e pela rua Direita forma a tropa, em grande gala.

Por todo o itinerário determinado dos imperantes, perfilava-se a ornamentação das colunatas de escudos e galhardetes, às sacadas flamejavam colchas abertas e apinhadas as senhoras ao sol com a coragem feminina da curiosidade.

Depois das onze horas, feita a oração de graças, na capela imperial, passaram Suas Majestades, Suas Altezas e as nobres excelências da comitiva, pela rua do Ouvidor.

O entusiasmo popular não foi o que se chama verdadeiramente um delírio, mas foi evidente e sincero.

À porta do Arsenal, vi uma pobre velha enxugando lágrimas nas costas da mão. Por todo o trajeto do coche do monarca manteve-se constante o fervor dos vivas e não tinham conta os lenços agitados das janelas, como um gracioso escrutínio de cambraias, as famílias brasileiras, votando paz e felicidade ao velho esposo da imperatriz.

A saúde do imperador, a julgar pelo que se me afigurou, é muito melhor do que se esperava. Está mais gordo do que nas fotografias que por aí correm e apresenta principalmente cores

no semblante que nem mesmo de um convalescente dir-se-ia.

Parece, portanto, que das duas hipóteses debatidas: chega-nos um rei, ou um inválido sem esperança - a primeira prevalece.

O problema que fica é a direção política que o monarca pretende encarregar. Caso tenha, porém, de sobrevir alguma transformação não é para o momento.

Na véspera da chegada do monarca fui assistir à segunda conferência republicana de Silva Jardim. Desta vez o orador escolheu um teatro para receber os ouvintes, o teatro Lucinda. A conferência teve de reduzir-se a uma entusiástica alocução do propagandista, entusiástica, mas breve à vista da desordem que alguns indivíduos mostravam intenções de fazer. O público protestou energicamente contra os perturbadores, e com toda a razão. O melhor procedimento dos adversários de uma doutrina é não dar ouvidos à prédica. Contrariar com chufas e assobios é a mais estúpida das brutalidades. Pensam, assim, por certo, aqueles que se indignaram no teatro, contra o grupo dos desordeiros. Muitos destes, apesar disso, concluída a conferência, quando atravessaram a rua do Ouvidor, em improvisada procissão cívica, tiveram a magnanimidade de insultar com assobios e dichotes a José do Patrocínio, que estava à janela do escritório da *Cidade do Rio*.

Era muito mais nobre que os que têm algumas cousas a censurar ao emérito jornalista fizessem-no legitimamente, de qualquer forma que fosse compatível com as responsabilidades.

O assobio tem a desvantagem de ser o libelo anônimo do garoto.

O Rio de Janeiro teve a população aumentada para as festas, por uma verdadeira migração de provincianos. De São Paulo, o contingente de visitantes é o mais notável. Entre estes,

com o intuito de ver a capital em plena expansão de vivacidade, chegou Antônio Bento.

O ilustre paulista tem recebido o acolhimento de que era merecedor. Foi a audácia dos expedientes de Antônio Bento que produziu a manifestação decisiva do sentimento nacional na questão do elemento servil. O levantamento dos trabalhadores negros, que se atribui ao grande abolicionista, e que foi conduzido com uma firmeza e prudência superiores a qualquer aplauso - foi o último lance na tremenda partida.

Antônio Bento possui a glória de haver conduzido a opinião abolicionista dos que mais profundamente deviam tê-la.

Julgou-se e foi condenado a galés perpétuas o famoso *Estudante*, réu de homicídio na pessoa do sargento Néri. Tive ocasião de assistir, durante debates, ao espetáculo desagradável de ver agredido Ciro de Azevedo pela culpa insanável de ser bacharel formado. Não é preciso dizer que o terrível acusador tinha sobre ele a superioridade de ser quase analfabeto.

Houve três festas artísticas dignas de sensação: o benefício Pereira da Costa, iniciado por Luís Murat, e dous concertos, o Levita, no *Club* Beethoven e dos artistas Teininger no Conservatório.

Não os celebro neste fim de crônica com os meus aplausos, pois os aplausos que tiveram em melhor não podem ser excedidos.

Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 26 ago. 1888.

Novidades artísticas, envio-lhes igualmente três: *matinée* dramática do ator Vasques em proveito do monumento João Caetano, exposição do pintor nacional Weingaertner, próximo aparecimento de um volume de versos de Olavo Bilac, recentemente editado na Europa.

Não posso mandar uma amostra da festa dramática, nem mesmo um trecho do discurso de Afonso Celso Júnior, oração oficial que se não estenografou; são largas demais as telas de Pedro Weingaertner para que lhes possa chegar uma pela posta. Remeto um soneto do Olavo:

*Quando adivinha que vou vê-la, e à escada
Ouve-me a voz e o meu andar conhece,
Fica pálida, assusta-se, estremece,
E não sei por que foge envergonhada.*

*Volta depois. À porta, alvoroçada,
Sorrindo, em fogo as faces, aparece,
E talvez escondendo a muda prece
De meus olhos, adianta-se apressada.*

*Corre, delira, multiplica os passos
E o chão, sob os seus passos murmurando
Segue-a de um hino, de um rumor de festa...*

*E ah! que desejo de a tomar nos braços
O movimento rápido sustando
Mas duas asas q'a paixão lhe empresta...*

Chave de ouro para a crônica.

Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 2 set. 1888.

Para conservar à crônica de hoje a fisionomia reproduzida da vida fluminense, era preciso que eu fosse por todas estas linhas adiante enfiando lanternas venezianas de papel *tuyauté*, inflando gás e as mechas de mil copinhos de cores, clareando a insignificância normal dos feriados com fogos de bengala, que me invejasse o rival do dr. Pain, o patriótico e animado artista Campos, induzindo a luminárias, chispas de estopim, tiros de dinamite, tudo que me pudesse emprestar de espetáculo e espalhafato pirotécnico um compêndio de grande estilo.

E teriam os leitores o cenário aproximado da vida popular nos mais alvoroçados dias destes oito mais próximos.

Por motivo da volta do imperador, tivemos luminárias e fogo no Engenho Novo, luminárias e fogo em Botafogo, fogo e luminárias em São Cristóvão. Compreende-se bem como rodeou a cidade, sábia de lealdade e cortesã, a espiral ardente do regozijo público, coleando cerimoniosa de muito longe até centralizar-se e acabar nos jardins da imperial residência.

Não se pode contestar, entretanto, que foi reles toda esta profusão de alegria acesa, fabricada de economias do festeiro, imperícia dos fogueteiros e péssima distribuição do serviço geral. O fogo da enseada, anunciado para as sete horas, começou às dez; o que deu lugar a que o imperador se retirasse antes do começo.

É verdade que, nisto de luminárias, fogos, o povo pensa como o Fradique Mendes, no Egito, diante das tigelinhas de barro da iluminação do Beiram; diverte-se com o pior, como se fosse excelente encontrando na chama, como quer que a preparem, a qualidade primordial imprejudicável de ser chama e brilho, o suficiente para aquecer e abrilhantar o prazer da reunião que se procura.

A prova está na concorrência.

É incalculável a população que se moveu para os festejos em todos os arrabaldes. Os *bonds* não podiam conter a lotação desmedida do tráfego, principalmente da volta. Os passageiros agarravam-se em cachos, pelas colunas, depois de encher os bancos e as plataformas; galgavam, oito, dez e mais, a própria

coberta dos carros, que por milagre não cedia ao peso. A praia de Botafogo, extensíssima e larga, era insuficiente para acomodar o trânsito e o estacionamento dos veículos, do povo, que ali apareceu na noite do domingo.

A festa neste bairro teve um atrativo especial. Queimando-se no mar sobre barcaças, as peças de artifício e os fogos cambiantes repetiam-se na água lisa os reflexos de luz, descampando até o cais esteiras de vivas brasas um efeito indescritível. Ao mesmo tempo, a curva iluminada da rua, refletida em frente, como os fogos dos barcos, completava a ilusão deslumbrante desta iluminação submarina.

Quase uma festa popular foi o grande baile do visconde de Figueiredo, aos numerosos amigos do seu triunfo de rei de ouro no baralho financeiro da atualidade. O sucesso tem isto de significativo: quando um homem acena com um garfo à cordialidade dos amigos, vê entrar-lhe em casa - a multidão. Ao próprio Timon de Atenas não faltaram convivas para o terrível banquete justiceiro de água fervendo.

O edifício do Cassino Fluminense foi especialmente decorado com todos os escrúpulos do luxo e reuniu, quinta-feira passada, apertando-a, como uma luva, toda a aristocracia da Corte, todo o orgulho de crachás da nossa sociedade, toda a coleção marmórea de belas espáduas nuas do *high-life* feminino.

A certa hora, o salão principal, intensamente claro de gás, foi magicamente, inesperadamente invadido por uma explosão de luz dez vezes mais forte. Era o sinal das danças. Rebentavam simultâneas céntenas de lâmpadas elétricas, disfarçadas até ali na ornamentação, resplandecendo no coração de graciosas flores de porcelana.

E a franca alegria (quinhentos contos de *toilettes*, como avaliou *O País*), até a manhã seguinte, fez rodar a cauda opulenta das danças como uma boa vontade que escapou mesmo à disciplina desejada dos mestres-salas.

Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 9 set. 1888

Ainda luminárias, através dos períodos, seria nesta crônica um reflexo da época; mas simplesmente em começo, porque o grande basbaque denominado Espírito público teve mais um pouco que fazer do que arregalar admirações ao bonito dos arcos de copos e das linhas bambas de lanternas.

As luminárias foram comemorativas do dia 7, traduzindo mais uma vez o regozijo oficial herdado do Ipiranga e a boa vontade periódica e inabalável de uma modesta e honrada sociedade de patriotas alegres, que surge anualmente e infalivelmente, no Rocio, a celebrar a madrugada do grande dia, entre o verde e o amarelo do seu entusiasmo de estatutos.

Este ano, a sisuda Comemorativa da Independência introduziu uma novidade nos festejos.

Os dous coretos-castelos, que, desde tempos sem memória, erigia aos lados do monumento eqüestre do príncipe rebelado, foram substituídos por leves torreões octógonos, de colonatas e bandeirolas, incomparavelmente mais pitorescos; o que se não significa um impulso eficaz comunicado à nossa indiferença em relação à data célebre, patenteia, contudo, o louvável empenho dos festejadores, em adotar, nos intuitos da associação os melhoramentos e benfeitorias requeridos pela conservação do mais alto júbilo.

Nem com tais exemplos de civismo entusiasta, deixa-se a população do Rio de Janeiro impressionar pelas recordações históricas da fundação do Império. Com exceção do pequeno número de curiosos que tresnoutam para ver a alvorada no morro de Santo Antônio e dos que vão suar a canícula no saguão do Paço, à beira do cortejo, pode-se dizer que a cidade está ausente da alegria nacional de setembro. Olha-se de fora friamente, como se ignorássemos o sentido daquelas salvas das fortalezas, não soubéssemos a que vão as calças de grande gala da tropa e os *coupés* velozes, que passam levando dentro o estadão brilhante das comendas e dos penachos.

Parece que ficou, tradicionalmente, o sentimento de uma emancipação nominal, incompleta, falha de origem. O instinto

histórico da massa ensina-lhe que não tem de que exultar com as glórias que lhe não dizem respeito.

Entretanto, o aniversário deste ano, para o qual esperava-se, até, a visita dos enviados da imprensa argentina, devia ser sinceramente solenizado; agora que a escravidão deixou de existir: o mais grave senão da gênese política.

Verdade é que, para isso, fora mister que não estivesse o povo, como sucede, literalmente estafado de manifestações festivas.

Luminárias tivemos ainda na Lapa dos Mercadores, e fogos de artifício.

O Rio de Janeiro comercial divide-se topograficamente por curiosas circunscções de habitantes, agrupados segundo uma lei econômica de localização que é a freguesia quem dita como um poderoso legislador municipal.

Na rua do Ouvidor concentra-se o negócio fino das jóias e das idéias; distribuídas estas por dous sistemas: na livraria profundamente; *à vol d'oiseau*, na imprensa, na confeitaria, e no café. Na confeitaria registre-se mais o comércio inocente do namoro. A alfaiataria popular instala-se na rua do Hospício, por trás da vistosa e anunciada tabuleta do Baliza. A sapataria tem a rua do Carmo.

As tipografias e cervejarias concentram-se na rua Nova de Ouvidor, à qual um observador atribuiu um *cheiro* de Leipzig, deduzido das emanações combinadas da tinta de impressão ao do lúpulo. A carne verde prefere as ruas da Assembléia e da Uruguaiana. Chá, cera e rapé é o *clan* mercantil da rua da Candelária, à sombra de zimbório. Ferragens, rua Direita. Café, o grande café em sacas, o rei café em grão, com entrada de símbolo na própria bandeira nacional tem a sua cidade na *cruz* das ruas Municipal e dos Beneditinos. O comércio da carne-seca estende-se em mantas pela rua do Rosário abaixo, acentuando-se em apuro sebooso com a pujante variedade toucinho

e queijos, aldeada, além da rua Direita, por todos os arredores da igreja da Lapa dos Mercadores.

Cessando a enumeração e olvidando mesmo propositalmente outras agremiações urbanas de interesses, como a das casas de *prego* e do risonho comércio de flores... da Hungria, demoro-me na Lapa.

Como inventam instalação à parte para si, os homens dos aldeamentos instituem as suas associações, as suas irmandades, as suas festas de religião e mundanas. Em geral as igrejas servem de núcleos à maior solidariedade; e as simpatias incorporam-se, de todas as categorias de fortuna, desde os apontados capitalistas, irmãos de São Francisco, com o orgulhoso Charitas, radiante no hábito, até aos humildes de São Benedito do largo da Sé.

A Lapa dos Mercadores concentra espiritualmente o mercado gordo do toucinho. No dia 8 do corrente, a irmandade fez a sua festa anual. Festa exemplar na espécie, opulenta, profusa, animada, no templo e na rua, a festa dos queijos, enchendo, do seu recanto, toda a cidade, com as músicas do carrilhão, vibrando filosoficamente a alegria forte da mercadoria e do culto confundidos, acordo raro do coração e do ventre.

No domingo abriram-se à visitação do público as portas do hospício de Pedro II. A afluência foi considerável como em todas as visitas de hospitais, espetáculos do sofrimento a que o povo transporta a sua curiosidade, com uma pontinha de ânimo perverso, que vem do circo romano, no caráter latino.

A propósito, um incidente ocorrido no hospício que se atribui ao conselheiro Ferreira Viana. Ia passando, quando um dos recolhidos do estabelecimento acercou-se e interpelou:

- Poder-me-á dizer, o senhor, quantas pessoas de juízo conta a capital?

- É difícil computar assim de improviso a proporção...

- Cento e sessenta e nove, disse o recolhido. São as que moram nesta casa...

- Cento e sessenta e nove... repetiu o conselheiro, disfarçando a surpresa. Mas as mulheres?... Exclui?...

- As mulheres são doudas aqui e lá foral

O dias políticos foram de agitação, mas insignificantes.

O caso do deputado republicano por Minas, que se recusou dignamente a prestar juramento contra a consciência, apesar das tempestades parlamentares a que deu lugar, fazendo eco no Senado, nada mais foi do que o ensejo para uma reforma regimental que a elegibilidade dos acatólicos devia, cedo ou tarde, determinar.

O sr. Gomes de Castro, o mais desempenhado dos opposicionistas, quis em vão fazer da hipótese um desastre para o governo. O que se viu foi que as medidas liberais têm um desenvolvimento paralelo de coerências forçadas cujo estudo deve formar a habilidade prática dos fabricantes de futuro.

A Câmara resolveu que, de agora em diante, julgará quem bem quiser. Desta proclamação do respeito à consciência do cidadão, multiplicam-se ainda deduções que compreendem, do registro civil até a secularização dos cemitérios, e que hão de irromper daí fatalmente como a reforma do juramento da candidatura possível dos acatólicos.

A surpresa, que se revela com a tomada de posse do deputado Monteiro Manso, vem de uma revolução já velha em que se não reparou bem.

Notícias artísticas anotei duas para transcrever: o concerto em benefício de Pereira da Costa, no teatro Pedro II, e as últimas noutes dramáticas de Coquelín na América do Sul.

Não cabem, na estreiteza destas linhas, os aplausos que eu quisera incluir aos notáveis artistas e aos generosos *dilettanti*, que contribuíram para o festival de filantropia.

Diário de Minas. Juiz de Fora. M.G., 19 maio 1889.

O Congresso Médico, organizado há alguns dias, continua a celebrar ativamente as suas sessões. Cada esculápio toma a palavra e relata os apontamentos de sua experiência clínica. Uma desfilada pavorosa de dores e desinências gregas, um horror de ferocidades cirúrgicas e impassibilidades catedráticas.

Pode o Brasil, entretanto, dar-se parabéns, como o brilhante esforço da classe mais considerável dos seus homens de ciência.

No domingo correu-se o grande prêmio de vinte contos do Derby Club.

Witch, uma égua desconhecida, levantou o prêmio. Reproduziu-se o bambúrrio da surpresa que há tempos maravilhou o Jockey Club. Conseqüência, um milheiro de decepções e a Witch no galarim, servindo o entusiasmado proprietário, segundo contam, rios de *champagne*, a beber aos amigos e em banho à égua. Os amigos no segundo plano da orgia compreendem-se bem.

Enquanto no longínquo prado de apostas convulsionavam os anseios expectantes do povo que joga, realizavam-se em outros pontos duas festas bem diferentes, festas de calma e de inteiro descanso, agradáveis talvez mais a outra espécie de concorrência.

Quero falar dos primeiros caminhões, de dous estabelecimentos de educação feminina. Qualquer quantidade de crença que ponha em exercício quem assistia a uma destas festas de religião das crianças, é impossível escapar à influência de ternura do espetáculo.

A missa primeiro, o recolhimento geral, comunicativo, que é a magia do culto público. Acabada a missa, um movimento de curiosidade. Aí vêm! Abre-se largo a porta do templo, como um acolhimento maternal. Bimbalham os sinos. De dentro, avista-se logo, no átrio, na rua, no sol das dez horas, a linha das vestes brancas flutuantes.

Entram, ajoelham-se. Canta-se o *Salutaris*, as crianças cantam também e oram. Acercam-se do sacerdote dourado, prosseguindo, bem ensaiadas, umas após outras, o cerimonial das genuflexões como um bailado de candura. Recebem a partícula, sobre a toalha que duas pequeninas amparam e retrocedem, pálidas do jejum natural e da emoção, preocupadas do parecer bem na contrição e na modéstia, olhos baixos adoravelmente, mãos ao peito como figurinhas de Fra Angélico, em doce cuidado simultâneo de Deus e dos circunstantes. Partem, afinal, alegres, certas de que todos gostaram delas e com a leve convicção do céu.

Foram assim as festas do domingo na matriz da Glória e na Lagoa.

Há, nesta época no Rio de Janeiro, uma colônia de artistas de música, como poucas vezes terá congregado a nossa capital, nacionais ou estrangeiros, estabelecidos ou de passagem, temolos para enumerar uma extensa lista. Deles nenhum mais simpático, nenhum mais vantajosamente educado e talentoso do que Maurício Dangremont.

Tiveram ocasião, no sábado, os *dilettanti* fluminenses de mais uma vez consagrá-lo na crítica das palmas. O concerto realizado no salão do Club Beethoven foi um verdadeiro convívio de arte. Dangremont fez a maior parte da despesa de talento. E desempenhou-se como um mestre.

Em todos os gêneros, na grandeza do Beethoven, no capricho irrequieto e nervoso dos compositores polacos, na dificuldade das rijas arcadas, como no requinte da extrema delicadeza, harmonizando sempre o sentimento com a execução, o artista revela-se invariavelmente superior.

O menino prodígio que, há onze anos, festejava-se como uma grande esperança, reapresenta-se à pátria, realizando plenamente o compromisso de glória.

Rosa de ouro: é o sumário da semana.

Desde que, no convento do Carmo, foi exposto o precioso mimo do chefe visível do catolicismo, nenhum outro assunto conseguiu mais disputar-lhe a primazia na atenção geral.

Rosa de ouro é uma metonímia; roseira de ouro é que se devia dizer.

Fui vê-la na Lapa, na tranqüila saleta da internunciatura. Sobre uma peanha octogonal achava-se um belo vaso de prata dourada, com folhas de acanto e escultura, de serafins com asas.

Deste vaso nasce a roseira. Uma haste de ouro de quarenta e seis centímetros, ramificando-se logo acima em copiosa folhagem e opulentas rosas e botões. O trabalho de ourivesaria é perfeito; a imitação das flores naturais foi felizmente alcançada; parece-me, todavia, que, trabalhadas as flores e as folhas em ouro fosco, sem aquele reflexo metálico que o artista deixou, a impressão seria mais agradável.

Isto de querer dar regras à conformação de simples símbolo é, afinal de contas, uma extravagância. Sua Santidade não pretende enviar-nos, com a rosa, uma amostra da arte dos ourives romanos.

Celsissima principi imperiali Elisabeth, Brasilice Regenti. Leo P. P. XIII - III Nonas Maia. MDCCLXXVII. Vê-se esta inscrição gravada no vaso. O papa quis premiar a princesa regente com a mais bela graça de sua apostólica amabilidade, pelo serviço a Deus e aos homens prestado com a decretação de 13 de Maio.

Monsenhor Esberard publicou aqui um volume informando o público da importância do significativo presente. É um favor especialíssimo do Sumo Pontífice, de tradição medieval. Benzia-se outrora e trasladava-se a rosa com extraordinária pompa de procissões e cavalgatas.

Ainda hoje é uma cerimônia imponente a bênção das flores na basílica de São Pedro, ocasião em que o próprio papa deposita em uma cápsula existente no meio da maior, o bálsamo do Peru e a poeira de almíscar, previamente consagrados, que devem equivaler à fragrância natural.

Centoe sessenta e seis dádivas deste gênero têm sido feitas.

As últimas, segundo o catálogo da citada publicação, são as concedidas a Isabel II, rainha de Espanha, por Pio IX, em 1868, e a Maria Cristina, regente de Espanha, por Leão XIII, em 1886.

Durante os dias da exposição, na Lapa, o convento tornou-se o centro de uma incalculável romaria de visitantes.

Hoje, sexta-feira (guardei-me propositalmente da quinta, para mandar notícia), dia marcado para a entrega da rosa, tivemos a cidade em verdadeira festa nacional.

Às 11 horas da manhã, trasladou-se a rosa do convento do Carmo para a capela imperial, levando-a o internúncio em um carro do Paço, guardado por um piquete de cavalaria.

A capela imperial, decorada para a cerimônia, oferecia o espetáculo do mais caprichoso esplendor. Setineta, estrelas de ouro e prata sobre vermelho ou azul, sanefas de veludo e franjas na capela-mor, um trono para a família imperial e bancadas em frente para os assistentes eclesiásticos; no altar-mor, entre as palmas, uma lâmpada elétrica, deslumbrante, apesar do dia; no coro, outro foco elétrico (destinado a auxiliar a fotografia do ato da entrega) passeando um jato de luz viva pela ornamentação do templo.

Deposta a rosa áurea sobre a banqueta do altar, começou a cerimônia.

A concorrência aristocrática foi pequena, diversamente do que costuma ser nas solenidades principescas da capela, quando só distribuem cartões de privilégio; apontavam-se as famílias das tribunas. A invasão de povo miúdo foi superior a quanto se possa imaginar em um recinto relativamente estreito.

À missa foi celebrante o internúncio, acolitado por três reverendos cônegos. Entoou-se, no coro, o *Kirie e Glória* de Mozart. Houve depois o sermão do sr. dom Antônio de Macedo, bispo do Pará, seguindo-se a entrega da rosa.

A princesa imperial deixou o trono à esquerda e foi ajoelhar-se diante do sacerdote, de quem recebeu o presente apostólico, ouvindo as palavras do oferecimento, beijando, ao retirar-se, a rosa de ouro e a mão do comissário pontifício.

O sermão do sr. bispo do Pará foi uma conferência sobre

um texto emprestado de abolicionismo da Bíblia; foi mais a explicação da oferta do papa, como uma recompensa e como um estímulo, e um grito de alarma contra aqueles que pretendem, agora que foi a terra da pátria revolvida para uma eforescência gloriosa - plantar os gérmens da perdição dos costumes e das almas, guerreando entre nós a verdadeira religião de Cristo. Aboliu-se a escravidão do trabalho, disse, falta fazer-se a abolição do cativeiro das consciências. Sobre este aforismo conseguiu Sua Ex^a, não sei como, combater a liberdade de cultos. Referindo-se à imigração, disse que melhor fora aperfeiçoarmos a atividade dos nossos patrícios pela educação e pela fé.

O sermão do sr. dom Antônio de Macedo era o principal atrativo da festa. O boato preparara uma expectativa interessada, anunciando maravilhas da erudição da eloquência do pregador. A oração não desmentiu a expectativa. Sua Ex^a tem a presença simpática, a voz límpida, o tom modesto. Infelizmente certas pausas da dicção, acentuando uma maneira tarda de explicador ou catedrático, fazem decair a eloquência do sábio prelado para o género cacete.

Durante o officio, distribuíram as indulgências plenárias e simples de sete anos. O murmúrio da multidão não me deixou ouvir.

Com esta última nota tenho concluído o quadro rápido da falada solenidade, o epílogo das festas da abolição e a segunda missa do Brasil, como a denominou o sr. bispo do Pará “a primeira, dos descobridores, diante da natureza virgem, tendo por único aparato a música das ondas e o cenário profundo das florestas, a de hoje, comemorando a derradeira vitória da civilização, com toda a grandeza da liturgia católica”.

Uma semana de triunfos para as instituições anciãs. O prestígio da honestidade é tão forte que, animado por ele, os próprios cadáveres históricos revivem para a luz, e para a glorificação.

Ninguém diria, diante da teoria veneranda dos padres da capela imperial, que aqueles velhos congregados para uma festa de liberdade, aquele velho no púlpito comovido, comovendo, ao lembrar a coragem de uma mulher que passou a desafiar a reação poderosa de milhares de egoísmos, para proteger a humanidade sofredora, aquela festa de catolicismo aplaudindo a evolução reformadora das sociedades, aquelas hieráticas espáduas do gorgorão roxo, sob a luz elétrica do século XX, saíam de um capítulo anacrônico da história média.

Dir-se-ia a religião nova do bem dos homens, sem céu e sem fantasmas, o cerimonial de um rito moderno, da seita positiva da justiça.

Assim, a monarquia, do domingo, durante a estrondosa conferência de José do Patrocínio.

Prudhomme, o petroleiro das *Semanas políticas*, o fundibulário do impropério duro e do sarcasmo contra todas as convenções hipócritas, desde a suprema razão do direito divino, até o mínimo tucano, pobre avezinha ridícula que empresta o papo à realeza, José do Patrocínio galgou a tribuna para encontrar peito a propaganda republicana da atualidade.

Quem se viu só como ele, debelando três séculos de preconceito, sem encontrar auxílio, nem mesmo nos que conversavam a retórica da igualdade humana, é que pode ensinar quanto valeu ao trono o trono ter sido honesto.

Esteve terrível de virulência. Mas isto explica-se, da parte de um lutador a quem se não tem poupado golpes de ódio, vibrados muitas vezes à traição e muitas vezes mesmo envenenados cruelmente na calúnia.

Esteve, em compensação, soberbo de inspiração e fluência.

A conferência do teatro Lucinda é a notícia política mais interessante que tive a registrar.

28 de setembro de 1888.

Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 30 set. 1888.

Estava concluída a última crônica, quando vi, quinta-feira passada, em uma das folhas da tarde, a notícia incrível do suicídio do aluno Casimiro, do Internato de Pedro II. Mais um assunto sombrio daquela malfadada semana.

O pobre rapaz, moralmente comprimido entre a imposição paterna e o instinto da própria vocação de pintor, ou, porventura, a simples repugnância que lhe inspirava a aplicação aos estudos, resolveu simplificar o embaraço atirando-se fora da vida por uma janela.

Comentou-se, a propósito, o problema da educação e nada se adiantou. Se havia a ponderar a lição encerrada no fato, de que as vocações são sagradas, não se podia, contudo, esquecer que a pressão bem intencionada dos pais estimula e encaminha muita vez a vontade mal habituada. Depois, quando a vocação é intensa, não há obstáculo que a derrote. O pobre pai que se acusa de ter feito morrer o filho, entendia, com razão, cumprir um dever de afeição, contrariando-o.

Não há remédio senão considerar como um desastre o que sucedeu, saída por onde escapa a filosofia de muitos casos. O suicida sucumbiu a uma enfermidade nervosa que o perseguia de longa data, manifestada já, como se disse, em acessos semelhantes de desespero.

Vítima de desastres nervosos é, talvez, como se deviam classificar os personagens de uma série de dramazinhos vergonhosos que a polícia andou a descobrir, ultimamente, e cujos nomes foram castigados por todos os anátemas e opróbios. Tivemos uma semana de raptos. Quase um por dia!

Em benefício da estatística, senão da moralidade, seria bom verificar se efetivamente foi o número de raptos que cresceu ou se foi a mera casualidade de os descobrir que mais freqüentemente se repetiu. Não vamos computar injustamente a veemência erótica de uma semana como as outras...

O certo é que na Corte e em Niterói foram escavadas vergonhas de todas as marcas para a vitrine do escândalo.

Desde um professor que desencaminhou uma menor para um prostíbulo, até à *ménage* primitiva de um estudante da

Escola Politécnica, afiançado na polícia pelo correspondente, o qual mantinha (o estudante) *família*, pagando o aluguel e mais despesas da casa onde asilava a vergonha de uma pobre criança e a pouca-vergonha de uma desnaturada mãe, que especulava com as circunstâncias.

A gritaria foi grande sobre estes fatos e sobre os outros, a imprensa queimou indignação às fogueiras, em respeito à moral. Está parecendo, entretanto, que tudo acabara abafado no segredo como de segredo nasceu, deixando a vantagem sobre o escândalo para os noticiários e a infâmia do nome para algumas reputações.

Nada, em última análise, porque os noticiários vivem *l'espace d'un matin*, uma viagem de *bond*, e, entre nós, é muito comum a restauração moral depois das grandes quedas, a ressurreição mesmo de figuras inteiramente anuladas, reabrindo à sociedade os membros cortados, como as lagartixas.

A miséria das verdadeiras vítimas não vale a pena contar.

Dos dramas da realidade para o teatro, a transição é de um pulo: galgar a ribalta.

Tenho a novidade a levar-lhes do sucesso de Antônio José, nas *Variedades Dramáticas*. Desde quinta-feira, tem sido regularmente levada a comédia *Guerras do alecrim e da manjerona* com uma aceitação surpreendente para um fóssil da nossa literatura colonial.

O primeiro ato é o que menos agrada, um tanto ingênuo, com uma porção de equívocos de *calembour* e um trambolhão de escada por final, que desaponta a platéia... Os atos seguintes são de primeira ordem e resistem ao gosto moderno como as comédias de Molière. Movimentados, cintilantes de graça.

Não direi que se lhe possa dar a qualificação de Molière brasileiro, porque o pobre judeu das *comédias de cordel* do Bairro Alto de Lisboa, o autor da *Vida do grande dom Quixote*, da *Esopaida do anfitrião*, do *Labirinto de Creta*, entre os breves

anos de 1733 e 1737, em que produziu, não teve tempo de desdobrar inteira a sua individualidade artística. Era preciso, porém, que morasse no cérebro do poeta uma centelha da inspiração genial do criador da comédia francesa, para mandar, do fundo de um século, a uma idade como a nossa, cansada para o riso como de tanta experiência envelhecida da imaginação, uma gargalhada fresca, sincera, sangüínea, como a que se comunica das *Guerras do alecrim* ao público de todas as categorias que as têm apreciado.

Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 14 out. 1888.

No domingo, a gatinha miúda da cidade moveu-se em romaria ao outeiro da Penha, distante algumas léguas daqui para as bandas do norte.

É de ver-se a massa de humanidade que anualmente se transporta em terrível caminhada de sol e de pó, obediente ao costume tradicional ou às obrigações contraídas pelas promessas beatas, ou ávidas simplesmente da orgia campestre que o *rendez-vous* religioso ocasiona.

Já de madrugada, enchem-se as ruas de romeiros, cujos chapéus de capa branca e rodaques claros de brim apressam-se, no lusco-fusco que vão deixando ou *profetas*, apagados ou lampiões.

Nos cais de embarque dos *bonds* marítimos, nas estações da Estrada de Ferro D. Pedro II, comprimem-se eles, esmagam-se, no esforço de embarcar primeiro, ou tomar logo o bilhete de ida e volta. Pelo ponto extremo do Pedregulho, donde parte a estrada de rodagem que vai à Penha, desfilam infinitamente os veículos de festa, extravagantes, fantásticos, cobertos de esteira em arco, de lona, de couro, descobertos, andorinhas, caminhões, *bugue-bugues*, carros, carroças, puxados a dous, a quatro, a cinco cavalos, puxados lentamente a bois, que viajam a noite inteira, e os audazes romeiros pedestres, da melhor marca, que desafiam a fadiga e o sol que vai nascer feroso, mostrando à ilharga, o corno animador e suavizante do bom vinho.

Nos carros, nos trens, nas lanchas, suando, sufocando, do aperto e do calor que começa amontoam-se os homens, as mulheres por cima como trouxas, as crianças, nos vãos possíveis.

E partem os romeiros, os da estrada de ferro sofrendo ainda a baldeação, em São Francisco Xavier, para a estrada de ferro do Norte.

Encontra-se no arraial uma população, chegada de véspera ou pela noite.

A Penha é um povoado miserável de alguns casebres que se desmancham em pé, situada em uma várzea arenosa de beiramar. Um semicírculo de morros volteia sobre o horizonte, por um lado, oferecendo a espaços, através da vegetação, nodosidades

redondas de pedras ásperas cor de cimento, como cachoeiras enormes sem água. Em frente, devasta-se a Guanabara azul.

Mais perto, do lado oriental, eleva-se em rampa vagarosa um outeiro de uma só rocha bruscamente concluído por um precipício. No sítio mais alto, a olhar para leste, fica a igreja de Nossa Senhora da Penha, de seis janelas de outão e uma torre.

Na várzea, beirando a longa estrada que comunica a estação da linha férrea com o outeiro, acampa o exército de fornecedores. Sob folhagens e bandeiras, armam-se barracas em linha onde estão à venda roscas e doces, bebidas e todas as iguarias sólidas, exibidas sobre balcões e tabuleiros, pelo vivo reclame dos que vendem. Os mais atrevidos tomam o caminho e pegam quem passa; negras minas de camisa de crivo que fazem valer o seu pão-de-ló; sujeitos de avental e barrete de cozinha, que recomendam a fama das galinhas assadas e dos leitões de forno; um que deseja que se prove e mostra uma grande pipa, sobre rodas, coberta de ramos, com o melhor frescão de abacaxi, gelado de véspera; outro que mete à cara grossos rosários de pau lavrado; outro que apresenta charutos de meio metro; todos gritando, atordoando como possessos.

Os romeiros chegam e passam. Os veículos agrupam-se em lugar retirado, formando uma confusão pitoresca com o capricho das armações e dos enfeites de morim barato e ganga encarnada, com os ramos e palmas pregados, com o desmantelo geral do cansaço dos solavancos da jornada e o revestimento de poeira. Os bois dormitam, os cavalos abatidos espicham a cabeça babando a fadiga de três léguas de galope. Passam os romeiros e sobem.

Antes da ermida, há uma comprida ladeira; depois uma escada de trezentos e sessenta e cinco degraus talhados na rocha. Pelo extenso caminho, distribui-se o povo. Os que sobem levam imensas velas de promessa, ou formas de cera lembrando enfermidades curadas; os que descem, trazem registros em rolo atados ao chapéu, e vêm condecorados de medalhas e pequenas cruces ou corações de papelão dourado com uma imagem da

santa no meio, de trás de um vidro. Entre os que sobem, há fanáticos que vão de joelhos; mulheres, amparadas pelas filhas ou pelo marido; um velho gordo, ou inchado, que mal poderia subir de pé, amparado por duas moças; um rapaz, magriço, de olhos fundos e aspecto doentio, seguro pelos sovacos por dous outros, resguardando as joelheiras das calças pretas em um invólucro de papel pardo. Os que prometeram menos sobem apenas descalços. Um pobre menino de quatro anos, em camisa, quase nu, suando, exposto à variação forte da colina, pisa sem sapato a pedra ardente, levando uma vela que a mãe ajudava a manter. Uma mulher de vestido verde de seda e chapéu de plumas, parecendo uma hetaira de terceira ordem, vai descalça, sorrindo um pouco e fazendo ver os pés brancos, pequenos, de calos amarelos no dedo mínimo. Olha para os lados para apreciar a compaixão que provoca e carrega, satisfeita, uma gorda perna de cera com uma feridazinha pintada, empunhando-se como a dizer: a minha bonita perna que aqui vai...

A igreja é simples e asseada. A sua construção data de longe, do passado obscuro de tradição. Foi reconstruída entre 12 de abril de 1870 e 13 de maio de 1872. Esta última data do fim das obras tem alguma coisa de coincidência fatídica com a gloriosa data popular, que contribuiu visivelmente para aumentar a concorrência da romaria dos pobres neste ano.

À entrada da nave, duas largas bandejas colhem as espórtulas abundantes dos fiéis, fazendo-se a permuta dos símbolos bentos. Rio admirável de ouro, com a nascente na crença ingênua e na superstição bem cultivada.

Depois do *Te Deum*, a concorrência dos que sobem decresce. O povo dispersa-se pelos sítios de sombra. É o almoço.

Não se pode facilmente imaginar o espetáculo desse *pic-nic* de vinte mil convivas.

Famílias, magotes de amigos, acomodam-se, através do campo, organizam-se um banquete. Confundem-se à vista feições, sexos e idades, no agrupamento desordenado das roupas, sobre a erva, sob o esplendor difuso do sol. Impressionam alguns quadros destacados: crianças que correm, mulheres que palestram

em círculo; pessoas que comem de ventre em terra, ao redor de mesas de improviso; um que atravessa um frango à boca; outros virados, mamando vinho na cabeça de dous bojos, no possante chifre retorto, roxos como de soprar buzinas entupidas, fechando os olhos, sob o reflexo do céu de meio-dia. E um bêbado que dorme sobre pilhas de melancias, e outro que sai para a estrada cambaleando, agitando molemente a bengala, vomitando o *viva à Penha!* e relutando contra a esposa envergonhada e o amigo dedicado que o contém.

Depois da refeição, vêm as danças e os cantos. Um delírio de samba, e fados, modinhas portuguesas, *tiranas* do Norte. Uma viola chocalha o compasso, um pandeiro acompanha, geme a sanfona, um negro esfrega uma faca no fundo de um prato, e sorri, negríssimo, um sorriso rasgado de dentes brancos e de ventura bestial. A roda fecha. No centro, requebra-se a mulata e canta, afogada pela curiosidade sensual da roda.

Depois da mulata, dançam outros foliões de dous sexos. Os circunstantes batem palmas, marcando a cadência e esquecem-se, quase a dançar também, olhando o saracoteio lento, ou as umbigadas desenfreadas, dos fadinhos de uns ou da caninha verde de dous pares.

- Ai, meu sertão!... grita alguém.

- Ai! sra. Maria, suspira outro, lembra-se dos Remédios de Lamego?...

As rodas fecham-se por toda parte, na soalheira e na sombra, na estrada e no campo, sob os tamarineiros.

Entretanto transitam de permeio grupos carnavalescos dos mais valentes romeiros, enroupados à fantasia, zabumbando o zé-pereira, bimbando ferrinhos, arranhando guitarras, guinchando sons impossíveis de requinta e gaita. As praças de polícia montada circulam caracolando, erguendo turbilhões de pó. O sol, por entre as cordas de bandeiras e lanternas, vem ferir a terra e eleva-se na poeira fulgente como um nevoeiro de cal. O ar queima. Passam na multidão gigantescos chapéus de palha, de reflexos insuportáveis, que parecem tecidos de palha e fogo. Nos *paleto*s suados, a poeira empasta espáduas de lama preta.

Um molecote insinua-se oferecendo água em um balde de folha, água morna e salobra a dous vinténs o copo.

Em um clima de inverno, dança-se, grita-se, ganha-se.

A alegria colossal da plebe vence as horas. O tempo corre esquecido na folgança e na embriaguez, até à tarde, quando os festeiros voltam, repleto o ventre, tranqüila e consciência da promessa cumprida, contratadas novas alianças para a vida da estalagem, para a proliferação insaciável da pobreza. E, à tarde e à noute, os carros, os comboios da estrada de ferro, as lanchas de transporte os vão restituir à cidade, à vida normal do ano e do trabalho, acabrunhados, derreados, vítimas satisfeitas de um dia imenso e único de felicidade.

Dispense-me a transcrição longa demais destas notas de um passeio através da alegria, da tarefa de referir a outros assuntos da semana.

A nota de imensa tristeza que a ensombreceu não será, sem propósito, incluída na próxima crônica, que compreende o dia 2 de novembro, aniversário lúgubre de todos os passamentos.

Diário de Minas, Juiz de Fora, MG, 4 nov. 1888.

As folhinhas não assinalam o dia de finados com a marca de guarda. É uma injustiça grave do calendário católico, recomendada à atenção quotidiana dos fiéis, que bem se podia corrigir, generalizando um acordo de todos por conta de cada um, cerrando o comércio as portas, faltando os empregados às repartições, faltando aos escritórios a burocracia de pergaminho, até que, civilmente, viesse uma medida municipal ratificar o costume e a consagração.

Que muito seria a inação contemplativa, no grande dia da morte, quando, por tantos pretextos históricos insignificantes, a sociedade tão facilmente se resigna à insipidez e à malandragem respeitosa de um *suelto*? Mais do que nenhum outro devia caracterizar-se pela cessação da atividade exterior, o dia excepcional das saudades em que a humanidade viva suspende a jornada do tempo, para olhar para trás, lembrando-se dos que ficaram, por essa infinita estrada de cruces que é o passado, legando-nos a experiência dos seus sacrifícios e o proveito da sua agonia.

Com as sepulturas aprenderam os homens a adoração. O túmulo que foi o primeiro altar, há de ser o último. E agora mesmo, ainda na declinação das crenças, o luto é a religião mais sincera.

Por isso, é tão grande a concorrência da visitação dos cemitérios, apesar do desrespeito do calendário. E, se lá vão os curiosos e os indiferentes, aparecem em maioria os que vão oferecer as recordações dolorosas, como grinaldas, e viver uma hora de meditação com o parente, o amigo querido que tiveram.

Foi o espetáculo do dia 2, a romaria das vestes negras, desertando o Centro da cidade para Botafogo, para Catumbi, para São Cristóvão, cada um em busca do seu mármore, da sua inscrição, ou do número apenas da chapa preta de ferro, fincada como única designação, sobre a cova rasa do seu defunto. E iam as coroas, com os visitantes, as brancas para os anjos, para as virgens, as roxas para todos e para todos os ramos de flores e círios.

Fui ao São João Batista.

No cemitério, deixava-se a multidão abrasar valorosamente, esquecendo, com o pensamento na terra a canícula flamejante no céu. A cena era a mesma de todos os anos.

Famílias agrupadas em silêncio ao redor de uma lápide; uma pobre mãe com lágrimas nos olhos, sentada no chão e fitando uma coroa pobre com este letreiro: *à minha boa filha*; junto das sepulturas ricas os criados postados, guardando as serpentinas de preço; em diversos lugares, para proteger a chama das velas contra o vento, chapéus-de-sol abertos sobre a campa.

Havia muitos túmulos adornados, profusão de flores de pano, de ferro, de *biscuit*, coroas naturais de cipreste e coroas de miçanga, com imagens de prata sob o vidro; nada, porém, que rivalizasse com a sedutora simplicidade de uma carneira que vi, sem viva alma ao pé, enfeitada por não sei que delicado artista do sofrimento: uma pedra nova, branca de toda a brancura, sobre a pedra, um nome de mulher, sem mais dizeres, talhado em letras de ouro; sobre o nome de ouro, um pique no ramo de violetas.

Era toda a decoração este ramo solitário. O sol caía vivo sobre o mármore, matando lentamente as flores.

Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 11 nov. 1888

Vivemos alguns dias em um clima de aço. Andavam espadas no ar, em vez de viração que deveria abrandar um pouco o rigor estival deste começo de dezembro, sentíamos agitar-se uma atmosfera de zilvazes e catanadas. A curiosidade pública saiu para as ruas com o coração nas mãos, a espiar os acontecimentos e ver quando chegava justo o momento de pensar na mulher e nos filhos.

O momento terrível não chegou felizmente. Os militares conheceram que a colisão não era a mesma (por mais que os interessados a quisessem fazer igual), da outra *questão militar*, quando, reinando Cotegipe, o governo tentou sufocar a opinião do Exército para depois, a gosto, manobrá-lo nas caçadas da escravidão.

Discutiu-se a propósito o militarismo como uma ameaça à segurança social.

Mas os que acreditam na possibilidade de pretender dominar entre nós a tirania das dragonas, não refletem que as classes organizam-se para as pretensões, acumulando velhos hábitos e tradições, distanciando-se por preconceitos nascidos lentamente, isolando-se no cultivo de vaidades seculares. Assim nasceu o militarismo irrequieto que desgraça as grandes nações européias e que chegou mesmo a transmitir-se a uma parte da América. O instinto militar, no Brasil, herdado quando muito da tradição modesta das armas portuguesas, não dá, por enquanto ao menos, para definir uma classe que se pronuncie isoladamente na concorrência dos interesses e para a reclamação dos privilégios. O Exército brasileiro é muito povo, para querer ser contra o povo e sobre o povo. Comove-se pelas grandes causas nacionais como qualquer outro grupo de cidadãos. Na campanha humanitária do abolicionismo, nos transe mais difíceis da propaganda popular, fora da obediência indigna, a farda figurou com a sua presença e com o seu sacrifício, povo ao lado do povo.

Se, na fase de transformação que nos desmancha, a solidariedade militar evidencia-se de modo notável, é que é muito natural que, quando tudo se desorganiza, rotos os laços de

unidade da velha ordem, política de rótulos falsos com a maior das iniquidades por base, sobreviva ainda unida e forte a classe que faz profissão da disciplina.

O Exército não esquece, nem tenciona desvirtuar o seu papel de garantia e de poder civil e polícia da tranqüilidade nacional de que tudo depende. Como não ambiciona para si, não faz também aliança com empresas políticas em que o desejam envolver. Sabe-se guardar o seu voto para os escrutínios solenes em que a opinião precise dele para consolidar estabilidade.

Travem-se os debates dos programas e dos partidos, protegidos pela neutralidade da força pública; na hora conveniente a força entrará, comandada pelo patriotismo, não pela intriga grosseira e suspeita. Sobre a natureza desta intervenção, não há iludir-se, não facilitem os que a provocam como instrumento de represália de ocasião: - o Exército é plebeu e é pobre, o Exército é a democracia armada.

A não ser em grave oportunidade, o soldado brasileiro, sem aspirações de predomínio militar e surdo às sugestões interesseiras do espírito partidário, há de abster-se sempre de conflito, conservando a isenção patriótica que lhe compete.

Toda a tempestade que imaginamos supensa sobre nossas cabeças fez-se, pois, de vãos temores e das esperanças ainda mais fátuas dos que precisavam de cores sombrias para a retórica de oposição dos artigos de fundo.

Houve apenas a reclamação enérgica de um ato de justiça. Esta energia, exatamente a demonstração de vitalidade de uma classe, no meio das tendências dissolventes que corrompem a nossa existência social, foi considerada o princípio de uma sedição militar. O procedimento ulterior do Exército mostrou a gratuidade desta sua posição.

O marechal Severiano da Fonseca, ajudante general, foi visitar o 17º batalhão acampado no Realengo e prometeu-lhe o apoio de todo o Exército a favor das queixas formuladas, que o governo aliás saberia ou vir.

A sindicância das ocorrências de São Paulo, demorando um pouco a resolução do governo, deu lugar à animação

ameaçadora das rodas militares e às apreensões dos amigos da paz. A notícia do pedido de demissão do adjudante general, por motivo de um *mal-entender*, originou ainda maiores receios.

Noticiou-se, porém, logo a desistência deste pedido. Viu-se finalmente, pela publicação dos documentos oficiais, que o governo distribuira justiça e que os queixosos estavam satisfeitos.

O chefe de polícia de São Paulo foi demitido por conveniência do serviço público, em que revelara excessivo ardor; foram de sua parte indicados para a investigação do processo militar dos oficiais comprometidos no incidente do quartel.

Realizou-se por este modo o desenlace pacífico e digno, de uma situação, que, depois da moção do *Club Militar*, parecia armada para todos os desastres.

Felicite-se o governo, de haver escapado à dificuldade sem os *arranhões* do caso antigo das notas trancadas, e o Exército, de ter mostrado que vive para fazer respeitar a lei e a ordem pública e não para escoltar a prudência ou a fraqueza de quantas ambições políticas precisem de escolta.

No meio das preocupações oriundas do movimento alarmante da soldadesca, passaram sem produzir sensação as festas do 2 de dezembro.

O aniversário do monarca teve, entretanto, este ano, um acréscimo ligado à festa do cortejo. À hora da imperial recepção, foi o Paço da cidade cercado e invadido por uma turba imensa de populares, homens de cor a maior parte, que iam levar a Sua Majestade em álbum comemorativo do seu feliz regresso às terras da pátria.

É de notar que, no préstito dos manifestantes, não havia um só dos colaboradores das páginas de literatura congratulatória de álbum. O estilo fidalgo preferiu naturalmente envergar a casaca e aparecer sozinho e independente da charanga diante das cortesias do soberano.

A fisionomia popular da manifestação monarquista exage-

rava de tal maneira em franqueza, que foi preciso a polícia mandar vestir camisa a alguns cidadãos de menos cerimônias, e o príncipe Obá foi preso por arrebitar indevidamente de cintos de penas demasiado africanos a sua farda de alferes - fez rir a sátira política desocupada. Como difere o espírito das nações! Em França riem da canalha de 14 de julho.

Em um terreno do restaurante Campestre do Jardim Botânico, bateram-se em duelo dous rapazes da imprensa, Germano Hasslocher e Pardal Mallet. Duelo legítimo, de sangue.

Germano teve um braço varado pelo florete do adversário.

A imprensa festejou unânime este fato como a introdução possível do costume exótico nas relações acidentadas da vida dos moços.

Teoricamente eu divirjo desses aplausos. O duelo, para mim, é magnífico em uma vistosa estampa de romance ilustrado. Fora disso, considero uma brutalidade absurda e repugnante e peço licença ao leitor para enviá-lo ao capítulo soberbo de Max Nordau a respeito do assunto, na sua obra incomparável de vulgarização, das *Mentiras convencionais*.

Não se compreende o duelo sem o risco de morte. Ainda menos se compreende, com as idéias atuais da luta pela vida e do requinte complicado dos combates da civilização, como se não reputa uma covardia decidir um embaraço pela supressão do adversário, desviada a questão do terreno em que seríamos batidos, vingando a superioridade moral que nos vexava com a vantagem de uma habilidade física que nos favorece, assassinando o argumento honesto de uma boa razão com um sofisma sangrento do espadachim.

Outro sucesso de sangue.

Esmagado por um trem na estação de São Diogo, morreu Umbelino de Silos, o personagem principal do drama da rua da Uruguaiana, tão celebrado há alguns meses.

O tribunal do júri o libertou da pena; não lhe arrancou do peito as garras da tristeza em que o deixara o termo violento das perseguições que sofrera. A abstração distraía-o da vida exterior para a contemplação do seu infortúnio. A fatalidade preparou-lhe este estado de espírito para ferir o último golpe, confiando-o ao azar do primeiro desastre. O desastre não faltou.

Encontraram-lhe nos bolsos duas *poules* de corridas. Divertia-se ainda com a sorte, o temerário.

Entraram em circulação duas novas folhas de publicação diária, a *Tribuna Liberal* e *Diário do Comércio*.

Mais opinião, mais opinião para o grande foro tumultuário da letra redonda. Multiplicação de cabeças, multiplicação de sentenças. Não importa! Mais opinião que vocifere.

Do caos veio uma vez a luz ao mundo. E *Deus vidit quod esset bona*.

Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 9 dez. 1888.

A festa do *Club* Guanabareense nada teve de extraordinário.

Há, nos fundos do prédio da sociedade, na praia de Botafogo, um grande terreno que uma diretoria lembrou-se de utilizar para desenvolver os intuitos sociais. A princípio dançava-se apenas no *Club*. No terreno dos fundos armou-se uma grande casa de patinação e alinhou-se uma raia para corridas.

Isso há já tempo. A festa do dia 25 foi por ocasião da inauguração de alguns novos melhoramentos.

Pouca concorrência. As famílias, impedidas pelas reuniões de casa que o dia de Natal obriga, não apareceram em número considerável senão de noute para ver os fogos de artifício que arderam no pátio das corridas.

Os páreos de aposta foram de pouco valor. Pequenos prêmios, pequenos esforços e pequeno entusiasmo de apostas.

Os corredores apresentam-se com o vestuário próprio, de meia justo ao corpo.

Mais do que o aproveitamento dos exercícios de carreira, devia interessar ao observador a desagradável exibição de formas sem elegância e sem músculo que a roupa de meia proporcionava. Bem pobre plástica a da nossa mocidade para um espetáculo de ginásios.

Corpore sano!... meus amigos.

27 de dezembro de 1888.

Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 30 de dez. 1888.

Enquanto os felizes que podem vão emigrando para as alturas de Petrópolis, que o calor não visita, nem os surtos de epidemia, aperta-se embaixo, na cidade rasa e no clima ardente, a grande multidão dos que vivem para o recrutamento e para a febre amarela.

É preciso que haja gente para tudo, na distribuição dos papéis do teatro da vida. Não há censurar o contra-regras. O cenário requer o personagem da aristocracia e da elegância, para levar a passeio pelas avenidas verdes do retiro fidalgo da serra a meiga *toilette* matinal e a leve sombrinha de seda e rendas; se todos concorressem exclusivamente ao desempenho desta parte da representação, para quem havia de ficar o papel de Vômito-Preto? A natureza é sábia nos seus desígnios.

Criticamo-la por engano, suponho que o seu ideal é a justiça, que é o ideal das nossas conveniências de criaturas humanas.

Mas o que a natureza deseja é simplesmente e inexoravelmente realizar o pitoresco.

O sol diverte-se como um grande olho, arregalando sobre nós as pestanas louras, olhando de cima o quadro dramático dos nossos desgostos e as nossas festas, admirando profundamente o dramaturgo de tão curiosos enredos e tão vivas situações.

O recrutamento e a febre...

Não começa bem o ano de 89.

Apertada entre o recrutamento e a febre amarela, entre a guerra e a peste, a população fluminense nem tempo tem para se queixar. Queixas houvesse na proporção dos motivos e tê-las-íamos um ano inteiro. Em que havia de dar o delírio de alegrias do ano passado...

A febre amarela, convém não exagerar, não é por ora verdadeiramente a peste; o recrutamento, em compensação, é muito mais que a guerra, porque é a guerra sem razão de ser, o vexame público sem necessidade e sem argumento, o imposto do sangue cobrado previamente, por conta de um orçamento de sacrifícios que ninguém conhece.

Duas mil praças reclamava o preenchimento dos claros

do efetivo militar. A quanto monta já a caçada de patriotas da defesa nacional, que se estende da capital aos extremos do país? Qual é o cálculo dos litros de sangue brasileiro, que os coletores do recrutamento têm a esta hora armazenado nos quartéis?

‘E para que sangria esta alvoroçada coleta do imposto vermelho?

Há dias, assistindo à partida dos batalhões para o rio da Prata, contristava-se o povo como se visse a partida dos seus irmãos para a morte. O vago terror desse momento é o que respiram agora geralmente as camadas que o recrutamento agita. Nenhuma campanha se sabe, iminente sequer, que reclame do povo brasileiro uma contribuição de sofrimento; reina, entretanto, na massa, o pânico dos tempos de calamidade, como se rondasse as fronteiras exatamente o monstro da guerra com todas as roscas e convulsões.

E não existe, ao menos, o estímulo da nacionalidade ofendida que anima os brios guerreiros e convida voluntários, nem ao menos a evidência presente do perigo que desafiaria a bravura e arrastaria a vertigem do heroísmo.

Faz-se o recrutamento à toa, sem porquê nem para que, como uma perseguição.

Para torná-lo mais oneroso às vítimas, acresce a cegueira, a incoerência, a brutalidade dos agentes.

Os jornais estão cheios das notícias de aprisionamento como recrutas de velhos, estrangeiros, empregados de fácil reconhecimento como os carteiros, crianças até, surpreendidas em serviços das famílias.

Há episódios revoltantes.

Referiu-me pessoa conceituada do foro que, comparecendo em um processo dous indivíduos a depor contra certo oficial do Exército foram, por culpa dos depoimentos, recrutados ambos, à porta mesmo do tribunal.

É conhecido de todos o caso do pobre moço, da rua Bela da Princesa, sustentáculo da família, que saiu de noute a buscar medicamento para a mãe enferma e que recrutaram na rua, sem atenção a rogos nem aos comoventes protestos das suas circuns-

tâncias, confirmados pela apresentação da receita médica que levava. De madrugada, sem ter mais visto o filho, a velha mãe morreu.

Algumas vezes os recrutadores, conhecendo a iniquidade da violência, têm relaxado a presa. Esta exceção agrava apenas a odiosidade do procedimento comum.

*17 de janeiro de 1889.
Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 20 jan. 1889.*

O leitor deve estar aí, na cidade provinciana, impressionado até a horripilação, com as notícias da Corte.

Imagina o Rio de Janeiro retalhado em quatro imensos bairros de misericórdia, a zona do Norte, a zona do Sul, as zonas de Leste e Oeste, cada qual confiada aos desvelos de uma junta de socorros públicos.

Em cada zona, animado e pressuroso o serviço das ambulâncias, levando pelas ruas e praças, pasmadas de terror, o triste carregamento de enfermos e agonizantes.

Nos pontos sabiamente escolhidos, os hospitais-barracos do sistema Lefort construídos, em um dia, de tábuas leves e rápidos parafusos, arejados pelas frestas do tabuado, desinfetados pelos aparelhos de Genest & Herscher, recebendo das ambulâncias e despachando para as enfermarias isoladas e remotas, para os cemitérios, as vítimas a morrer ou já mortas da epidemia reinante.

No ar morno do verão ingrato, em vez da fragrância das flores do Equador, o miasma mortal e as emanações cáusticas do ácido fênico.

De noite, ao lado dos chafarizes sem água, ao pé das estátuas consternadas, imensas fogueiras de alcatrão, desdobrando para o alto lampejos vermelhos de tochas de mausoléu, fervendo o combustível negro e substituindo a atmosfera das estrelas e do gás belga por um ambiente palpável de fumarada, de negrume e de luto.

Pela faculdade aumentativa e no desenvolvimento da imaginação que avoluma o boato viajado e reforça como um eco a notícia que vem de longe, o leitor insensivelmente adianta-se na concepção do pânico.

Os fluminenses emigram.

As escolas fecham-se.

As profissões normais cessam.

Mudam-se para Petrópolis as repartições do Estado.

Uma por uma vão as casas de comércio cerrando as portas, como se morressem.

Os teatros não têm espetáculos.

Um benefício que se anuncia, da viúva de um empresário que morreu de febre, deixa de ter lugar por falta de espectadores.

Em qualquer caso não haveria, porque na véspera morreram de febre dous atores principais.

O Campo de Santana, o Passeio Público, a Cervejaria da Guarda Velha não têm freqüentadores.

As bandas particulares, a dos alemães primeiro, que tocavam para o público dos jardins, debandaram-se no alvoroço do *sauve qui peut*.

Somente no jardim do Campo, ao domingo, por imposição do Ministério da Guerra, aparece uma banda do 22º batalhão para animar os corações e toca, sem ouvintes, afrontando o terror da peste, pedaços compassados de ópera.

Ouve-se de longe a música militar com a angústia dos moribundos em um fim de combate, maltratados pelo contraste dos hinos de vitória.

O mal progride.

Começam a rarear mais os raros comerciantes que se arriscavam a especular com o pânico, fazendo preços na proporção da sua audácia.

A fome reina.

Só estão abertas as farmácias.

Os farmacêuticos sem pão, vivem, todavia, por um milagre de química, que só eles sabem.

Nas ruas mais habitadas as casas com escrito contam-se por quarteirões.

Em geral, onde não há escrito, há uma bandeira branca de socorro, chamando gente para levar os mortos.

O movimento de salvação, por hora dos sentimentos humanitários, mantém-se.

Os doentes menos graves, com um lenço pela testa, levantam-se para dar óleo de ricino aos mais graves.

Cocheiros de carros fúnebres estacam os animais e param o veículo para vomitar da boléia.

A população restante na cidade divide-se em duas mul-

tidões, enfermos e enfermeiros, coveiros e defuntos.

O mal progride ainda.

A febre avassala tudo.

Resistem apenas os boticários, os médicos e os higienistas.

Só há um meio de escapar é entrar para a junta.

O tráfego das ambulâncias, que tinham substituído os *bonds* para o transporte da população, tornou-se inútil: toda a cidade é uma enfermaria.

O serviço da empresa funerária virou supérfluo: toda a cidade é um cemitério.

De Petrópolis, das províncias, do estrangeiro, chegam socorros heróicos que se perdem e lamentações sinceras que não se aproveitam.

Sufocados pelo mau cheiro de um vizinho que faleceu primeiro (inconvenientes da má vizinhança), os últimos enfermos resolvem-se a acabar.

Tudo está consumado.

Só existem na leal cidade cadáveres e médicos, o dualismo da eterna contenda: o micróbio e a droga.

Os próprios médicos sucumbem por fim.

Através da cidade morta, necrópole ao mesmo tempo de todas as esperanças administrativas e higiênicas, vendo expirar a tarde, no amplo silêncio da assolação da terra, três cultos passeiam.

Municípios derradeiros e impertérritos de São Sebastião, únicos sobrevividos da imensa ruína - o ministro do Império e o imperador geral da Higiene.

Com eles, entre os dous - a febre, que os poupou para que vissem a inanidade das teimas humanas...

Não tem razão o devaneio do leitor fantasioso.

Da peste fluminense o que há de mais grave por ora são as notícias.

A situação não é absolutamente tranqüilizadora; man-

têm-se nos obituários a média notável de dez casos por dia da terrível febre.

Mas essa febre de providências, em que se multiplica a administração da pasta do Império e cujas notícias têm-se distribuído pelo país como uma irradiação de pânico, não se mede pelas proporções da outra do Rio de Janeiro, senão como prevenção de prudência.

Visitas do sr. Ferreira Viana, conferências, entrevistas do mesmo conselheiro, com os especialistas da higiene, com os representantes da imprensa, exame e experiência de novos aparelhos de desinfecção, nomeações extraordinárias de que se fala para o serviço sanitário da cidade, hospitais que se projetam, ambulâncias que são encomendadas, todo o rumoroso expediente da Secretaria do largo do Rocio é de mera previsão.

Receia-se que a epidemia cresça, declare-se pelo terror dos cinqüenta casos diários, como em tempos de dolorosa memória.

A estratégia movimentada do governo tem por fim debelar a hipótese de uma dessas investidas assustadoras do inimigo.

A conferência dos jornalistas foi a mais importante das iniciativas governamentais.

Não sob o ponto de vista científico, que nenhum dos escritores que apareceram podia ser cientificamente consultado na especialidade ocorrente, mas sob o ponto de vista social, significando uma homenagem do poder público constituído ao poder extraconstitucional da imprensa e a aproximação salutar do alto critério oficial até ao parecer dos tribunais insuspeitos da opinião, que ali deviam representar as reclamações francas do povo.

Uma calamidade que está a pedir conferência, mesmo uma assembléia consultiva de filósofos práticos e a praga dos uxoricidas que reina na Corte, muito pior que a febre amarela e até pior que o recrutamento, que vai dando menos que falar.

Quase que cada semana é preciso abrir na crônica um quadro, para a notícia de um crime de mais ou menos autêntico ciúme.

Depois do Otelo da rua de D. Feliciano, o Otelo da rua do Catetê.

Depois deste, rebenta novamente, pela boca de um *revolver*, para o drama dos noticiários, mais uma alma de Otelo, nas águas-furtadas de uma casa da rua Direita.

O espanhol Francisco Casal, certo de que a sua amante lhe desviava os amores e desconfiando que, ainda em cima, o envenenava aos poucos, matou -a com três ou quatro tiros vingadores.

- Um desvario de paixão, defendem os julgadores romanescos e dispõem-se a cair aos pés do homem admirável que teve a coragem de deitar alta tragédia em plena vulgaridade da vida.

É esta facilidade de psicologia barata, transplantada para o júri, que tem motivado a repetição dos crimes desta natureza.

- Atirei-lhe porque me traía, explicou há dias, na detenção, o parvo agressor da costureira da *Ville de Nancy*. E os jornais tinham desculpado o outro que matou a mulher...

E assim, porque uma rara turbacão do critério moral pode, por uma idealização demente da honra, ou por uma bestificação momentânea de ferocidade erótica, pode, em uma exceção-monstro, ocasionar um atentado contra a existência de uma pobre mulher indefesa, ficará para aí a profunda atenuação filosófica ao alcance da defesa de qualquer miserável de mão leve, sem a menor manifestação de caráter em toda a vida, ou de qualquer perigoso idiota sem noção clara de sua culpa, que se lembre um dia de fazer romance ao vivo para os jornais.

Mas a própria atenuante da paixão é uma fantasia de eufemismo...

Adiada a discussão para o primeiro crime de ciúme de que der notícia.

Ainda nesta crônica não dou notícia das *revistas* do ano que trazem agitadas as platéias e que têm produzido *hors d'oeuvre* magníficos exemplares de polêmica nos apedidos da imprensa.

Registro somente o aparecimento da *Sul-Americana*, mas esta uma revista de publicações literárias do Centro Bibliográfico e sob a direção do jovem filólogo João Ribeiro que vem fazer à *Treze de Maio* de Pedreira Franco a mais proveitosa concorrência de energia e talento.

Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 27 jan. 1889.

Anda a febre amarela, ou melhor, a variada epidemia de febres da quadra atual com ares e modos de querer dar razão à imaginação de pânico que representei na última crônica.

Apesar da campanha que lhe move o governo e a filantropia particular de mãos dadas com a ciência, o micróbio persiste, multiplica-se e progride na empresa de morticínio do seu mister, invencível como o capricho de algum novo deus, da mitologia do infinitamente pequeno, mais temerosa que as antigas do infinitamente grande.

O obituário da peste aumenta-se de modo assustador e, se o complemento das medidas de salvação pública que se projetou, ou uma mudança de tempo não interromper o curso progressivo da calamidade incipiente, não sei a que extremos de desgraça iremos parar.

Esta preocupação é o característico de quase toda a atividade administrativa dos últimos dias.

Começam a ser organizadas as comissões paroquiais de socorros sob a direção dos vigários e dos fiscais; escolhem-se pelas freguesias edifícios em condições de ser aproveitados para receber doentes; a municipalidade votou um crédito de dez contos para a distribuição gratuita de medicamentos pela população sem recursos; foram suspensos os trabalhos das escolas municipais; foram suspensos os exercícios militares da guarnição da cidade e reservadas para as primeiras horas da manhã as manobras de instrução dos recrutas; foram abolidos os funerais; vão ser proibidas as corridas de hipódromo; e anunciou-se por último que vão ser convocados os presidentes das sociedades carnavalescas para uma reunião em que o governo proporá que não saiam este ano os préstitos do costume, ou que se adiem para outra época as perigosas alegrias do tríduo da folia.

Entretanto, o aspecto normal da cidade não apresenta modificação notável.

Apenas mais alguns carros fúnebres no caminho dos

cemitérios.

Quanto ao mais, no círculo dos negócios e no círculo dos divertimentos, o Rio de Janeiro é o mesmo.

O terror limita-se às palestras.

E, a não ser a procura das situações recomendadas pelo clima ameno ou pela salubridade, Tijuca, Corcovado, Petrópolis, Friburgo, Teresópolis, que se vão povoando de retirantes fluminenses, a não ser um ou outro tímido que se vê levando algodão canforado a cheirar nos *bonds*, e principalmente a impressão dos parentes, dos íntimos das pessoas que o mal atinge, nenhuma observação atesta, na vida comum, a excepcionalidade do período que atravessamos.

Esta fisionomia de indiferença da multidão prova bastante que a epidemia está muito longe de ser o que os exagerados apreciadores afirmam.

Não tardará, porém, a declarar-se o pânico com todas as tristescenas e episódios das populações flageladas, se o desenvolvimento do mal continuar na proporção da última semana.

Como era natural em uma semana de epidemia, foram falecimentos e moléstias as mais importantes novidades.

E houve como que uma intenção de reclame na enfermidade e na morte, que expressamente buscaram vítimas da grande luz da notoriedade do momento, recolhendo para o sossego eterno do epitáfio, ou para a vacilação miseranda dos boletins de informação médica, os nomes que maior energia representavam nas lutas políticas do dia.

Trovão, Patrocínio, Silva Jardim, Sena Madureira, toda a agitação popular da vida política foi neutralizada pelo armistício forçado do leito.

Uma dobra de lençol abafou o conflito dos votos e opiniões que mais ardentes se faziam ouvir na atualidade.

De maneira que, se nenhum sintoma de considerável exceção se pode registrar como significando, na quadra funesta, o alarma social diante de uma calamidade, este ao menos é preciso levar em conta: a estagnação momentânea da política das praças.

Felizmente, vão os enfermos em via de restabelecimento completo e o aparente sintoma de abatimento público deixará de existir.

Morta fica somente, como o glorioso oficial, a agudíssima questão do conselho de guerra de Sena Madureira.

De todos os assuntos políticos da ordem do dia nenhum preocupa mais que a questão Madureira.

Os artigos nervosos do tenente-coronel e a energia que anunciava o ajudante general do Exército, prometendo responsabilizar o subalterno ao mesmo tempo pelas queixas da fábrica da pólvora, que iniciaram o processo, e pelas publicações desrespeitosas, eram ameaças de uma colisão iminente, que não se podia determinar, mas que se pressentia ser muito grave.

As pessoas das relações do oficial sabiam que ele estava disposto a não reprimir as explosões de dignidade quais fossem que os incidentes do processo haviam de provocar provavelmente.

A enfermidade fatal veio de golpe revogar intenções e planos, desarmar processos e expectativas.

Durante o curtíssimo prazo dos seus sofrimentos, o nobre oficial padeceu principalmente o desgosto dos seus créditos de militar e funcionário pendentes de julgamento, da pureza imaculada da sua fé de ofício posta em risco.

Humilhado o corpo na prostração da febre, o espírito altivo debatia-se.

O combate que ele pretendia oferecer à autoridade, diante de um tribunal de honra, animava-lhe o olhar, as referências de conversa, os delírios.

Febricitava na impotência física, odiando a moléstia como um remorso.

Queria ver-se bom, para encarar o processo, o desafio que lhe oferecia o governo, e mostrar que não tremia de uma sentença quem tantas vezes como ele, acusado nos sumários de acampamento, fora réu de heroísmo.

A complicação desta febre espiritual matou-o.

Pensando no melindroso estremecimento das suas rela-

ções com o governo e na próxima partida, malograda pela morte, em que o ardente soldado pretendia jogar com toda a sua audácia e com todo o seu prestígio no Exército, fica-se a crer que o destino tem uma política e de nada vale a nossa força ou a nossa habilidade, se casualmente nos achamos excluídos do cálculo das suas tramóias.

Magnífica lição de um acontecimento.

Da mesma forma esse passamento de um guerreiro impávido, que fraternizou no campo de batalha com todos os perigos que ludibriou com a sua temeridade a cólera dos canhões, que afrontou a selvageria humana em todas as multiformes manifestações de ferro e de fogo, a morte de um veterano das batalhas, levado talvez ao leito e, sem nenhuma dúvida, piorado e vitimado pela superexcitação de uma questão de brio, de honra e de integridade cívica, ensina eloqüentemente que há episódios difíceis na paz e que há bravuras nessas dificuldades e que a vida se perde em um reencontro incruento do dever, tão bem, pelo menos, como no mais empenhado lance de peleja.

Realizou-se domingo no meio de uma concorrência avultada de fiéis, a procissão radicalmente fluminense de São Sebastião, padroeiro da capital do Império. Sem a assistência, é certo, da comissão indispensável dos edis, mas com toda a benevolência contrita dos honrados munícipes, que não têm, como os seus representantes, a perseguição dos credores que lhes embaraça até as horas do culto, e que têm o coração bem limpo para venerar a ovação dos mártires e acompanhar as passeatas da crença.

Corte, 31 de janeiro.

Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 3 fev. 1889.

As cidades evoluem para a perfeição como os organismos, pela complicação dos melhoramentos, pela inovação contínua de funções especializadas.

A necessidade pública dita a regra, e pouco a pouco, no solo urbano, na *carne*, das paredes, sobre o qual e junto das quais passava quase independente a vida rudimentar dos primeiros habitantes vão se criando, como veículos do bem-estar progressivo, as canalizações, as grandes canalizações invisíveis, da água refrigerante, da iluminação noturna, do esgoto geral, de onde nos vem e por onde nos vai a circulação incessante das necessidades mais urgentes.

Beneficiados por esses sistemas vasculares da comodidade, os indivíduos, como células orgânicas, multiplicam-se em atividade na proporção do esforço poupado e a cidade se desenvolve; as ruas estendem-se; a viação aligeira-se e se alonga; as casas nascem cada vez mais; engrandecem-se os mercados como uma hipertrofia salutar de estômagos; a comunicação das pessoas reclama a ubiqüidade elétrica dos telefones, que é como um requinte de sistema nervoso, a cidade aperfeiçoa-se e cresce em todos os sentidos e vem a alegria pública, como o vigor da saúde, levantar bandeiras nas festas da fraternidade do povo e da fortuna industrial.

Infelizmente, quanto mais complicado é o organismo, mais fácil é a enfermidade; quando a alma administrativa da cidade não cura devidamente da regularidade das funções, acontece que todas elas se perturbam; a cidade adocece.

A carestia de mananciais para o serviço das águas leva a sede pelos canos de chumbo, em vez do refrigério desejado, e a cidade sofre uma segura intolerável de febre; a má qualidade do gás e a irregular distribuição prejudica a nictalopia indispensável das horas de sol ausente, e a cidade fica cega; a inconsciência dos fiscais das empresas de esgoto das enxurradas e matérias fecais traz os terríveis e variadíssimos incidentes das rupturas e obstruções de intestinos, estas ainda mais nocivas que aquelas, piores que todas as outras enfermidades urbanas, porque origina a infecção local facilmente comunicativa do miasma, que é a

morte da célula-cidadã, isto é, a morte de nós todos, os cidadãos prestantes.

Os velhos constataam a superioridade sanitária do clima do antigo Rio de Janeiro sobre o atual dos grandes melhoramentos.

A degeneração não veio dos melhoramentos introduzidos, mas da incúria que preside o andamento dos serviços de interesse geral entre nós e que aumenta naturalmente com a complicação das novidades adotadas.

Cada inovação tem sido apenas o pretexto para novos desleixos, cada aperfeiçoamento um motivo para novas imperfeições.

Não falemos do gás, do pobre gás agonizante que protege atualmente as noites dos gatunos fluminenses, não falemos do gás, que foi até certo tempo a glória das nossas noites e que, mesmo avariado, não prejudica em muito a população.

Mas os nossos progressos, em questão de águas e City Improvements, têm sido o progresso para diante mais escandaloso que se pode imaginar.

Depois da pena d'água obrigatória para cada prédio, não têm conta as vezes que invejamos o *bon vieux temps* da simples bica à esquina e das carroças de pipa e dos generosos barris de quarenta réis.

Que magníficas inundações nos têm valido as construções subterrâneas do desaguamento pluvial, ao mesmo tempo que, por essas custosas vias de tijolo e cimento, nem uma gota deriva da umidade pestilencial do solo.

Quanto ao principal serviço de esgoto, basta dizer que vi um médico deplorar os *tigres* históricos, um médico aliás avesso pela delicadeza do critério e pela altura da educação a qualquer feitio infinitamente menor de temer da fauna do desasseio, um médico que pertenceu um pouco à corporação dos higienistas oficiais e teve ocasião desagradável de conhecer a imundície dos *interiores* fluminense, principalmente na parte comercial da cidade, onde exatamente a população é mais compacta.

A falta d'água, perniciosamente harmonizada com o

desserviço da limpeza pública, em razão da íntima aliança funcional dos dous provimentos, tem sido a grande origem das pestes periódicas que devastam a Corte.

Os higienistas do governo, fechando os olhos às causas profundas, limitam-se a tentar remédio quando o mal chega com providências illusórias, sugeridas de momento pela presença da calamidade.

E deitam proficiência, aconselhando doutoralmente que não se coma fruta verde, nem se apanhe sol.

Quando muito, aforçuram-se como beneméritos contra a estalagem da Cabeça de Porco, como se da triquina dessa cabeça impura é que fosse morrendo a cidade toda.

Passada a epidemia, acredita-se que o mal acabou porque a cidade perdeu o apetite de frutas verdes e todos compraram guarda-sol e a Cabeça de Porco limpou os coradouros.

E cruzam-se os braços sobre esta convicção.

A última reunião, há dias, do Conselho Superior de Saúde Pública, pelo que se entende das mais notáveis resoluções aconselhadas, mostra felizmente que afinal alguma cousa se vai fazer a sério em bem da salubridade urbana.

Aconselhou-se a chamada à Corte do engenheiro Revy, atualmente no Ceará, que venha dirigir os trabalhos necessários para completa *drainage* do subsolo e resolveu-se proceder a uma revisão no contrato City Improvements no tocante às conveniências sanitárias.

Quer dizer, a revisão de todo o contrato, cláusula por cláusula; porque não sei que pode haver em um contrato de limpeza pública que não envolva interesses de saneamento.

Realizem-se corajosamente estas medidas completadas pela compra de quantos mananciais existam nos arredores da cidade, que não se precisará da azáfama de socorros e recursos em que se debate atualmente a administração do Império, em uma nova quadra de rigoroso verão.

A epidemia que soffremos, que a cidade sofre, é de origem gástrica, nasce das irregularidades intestinais da imensa defecação das ruas.

Venha o tratamento enérgico, agindo diretamente sobre a origem do mal.

Venha a reforma da dita inglesa da City Improvements; venha o rigoroso drástico Revy.

*Corte, 7 de fevereiro de 1889.
Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 10 fev. 1889.*

Frontin venceu.

Bem se vê que estamos no século de Eifel. Não digo de Lesseps, porque o fiasco do canal de Panamá, embora indiretamente profissional, retirou um pouco o grande francês da vanguarda da engenharia moderna.

Até ao Brasil, modesto cágado, na expressiva simbolização zoológica das celebridades comparadas do progresso, em que se representam leões, esfaimados de distância, e águias, irmãs de raios, até a nós coube uma vez de figurar no *Excelsior* dos milagres contemporâneos da habilidade humana.

Não se trata de uma construção monumental que modificou o trâmite das relações de dois povos, suprimindo o embaraço das cordilheiras por meio de um furo na rocha; não se trata de um desses golpes de roldão, que fendem canais na terra, fazendo geografia nova à ponta de picareta. No grande sucesso da engenharia brasileira, o que houve principalmente, de comum com os grandes empreendimentos do século, foi o rasgo de gênio prático, a coragem da afirmação, a previsão matemática do tempo e do trabalho e, em seguida, a execução do plano, entusiástica sem alvoroço atropelado, disciplinada sem que a disciplina custasse o desperdício de um minuto.

A obra em si é simples, rudimentar, como um recurso provisório; mas, se não se lhe pode elogiar a consistência definitiva de pirâmide, não foi também uma pura ostentação de arrojo inútil e de esforço pródigo como a pilha imensa de vaidade e de ferro que os franceses erigem no Campo de Marte, somente para humilhar, sob as audácias frias do cálculo do equilíbrio e das resistências, toda a antiqüíssima glória dos arquitetos da França.

O progresso tem este inconveniente: evoluindo apenas no domínio da ciência, que se faz de investigações constantes, estudos quotidianos, experiências e retificações contínuas, mete-se a concorrer prejudicialmente, com as suas simplificações econômicas de custo e de processo, com a arte, a gloriosa estacionária, que faz estátuas, hoje, do mesmo mármore e da mesma inspiração dos velhos gregos, e não tem melhores poemas

do mar, depois da bússola, do que no tempo da mira incerta das estrelas. Mas, ao mesmo passo que vem com os seus duros esqueletos de álgebra e de aço, prejudicar o gosto pelas construções opulentas da verdadeira arquitetura, o progresso é, muita vez, um agente de consolação universal e um instrumento do bem-estar progressivo das sociedades. Os seus expedientes, os seus hábitos educados de ação podem mesmo, em momento dado, constituir-se em golpes de mão do socorro urgente de uma calamidade, em expressão enérgica da paternidade solidária dos homens.

O triunfo profissional do engenheiro Paulo Frontin foi desta natureza.

Clamava por água um povo inteiro, dizimado por uma epidemia de miasma e fulminações. A falta d'água é a causa do mal, concordavam todos. Recorreu-se ao governo. O governo só teve para o reclamo geral a resistência de penhasco das dificuldades administrativas. A reclamação agravou-se em motim. A imprensa, justamente indignada, prorrrompeu em grito unânime e violento. Buscou engenheiros, apresentou-os ao governo, forçou o governo a recorrer às suas inúteis corporações técnicas. Depois que os engenheiros apontados à cegueira do governo se ofereceram como habilitados a acudir à população em quarenta dias, descobriram os auxiliares técnicos do governo que podiam deitar maravilhado mesmo quilate.

Mas isto não era acudir, considerada a instância da ocasião. Começara a chover; mas podia passar a chuva e prolongar-se a devastação com a seca. O dr. Frontin teve então a ousadia de oferecer ao povo o socorro do seu tino. Água em seis dias! Podia traí-lo o mau tempo, podiam traí-lo os operários... Água em seis dias! garantia o enérgico moço, com uma firmeza férrea de *yankee*. Nem todos creram. Ele partiu, onerado sob o peso do mais audaz de todos os contratos, estimulado, porém, pelo propósito generoso de salvar uma população, pelo apoio supremo de uma confiança em si mesmo que toca às raias da magnanimidade. E, à última hora do último dia do prazo, ferviam em tumulto, na represa do Barrelão, as águas todas

colhidas da serra do Comércio, sob a chama vermelha dos archotes da última turma de operários de volta das picadas.

Glória ao engenheiro vencedor. Conquanto, de natureza provisória, todos que a viram asseguram que é um cometimento portentoso, no prazo que se deu, a obra do aproveitamento das águas.

Foi preciso que Paulo Frontin, iluminado pelo prestígio de simpatia avassalante de que dispõem os predestinados ao comando, soubesse comunicar aos ajudantes, aos operários, toda a vibração da sua coragem, todo o reforço da sua confiança, para manter uma febre de seis dias, febre de obediência e de trabalho, na multidão dos subordinados e conseguir a tempo a realização do seu compromisso, lutando contra as dificuldades do solo e contra os embaraços suscitados a todo instante pelo temporal desabrido que persistiu durante o período dos trabalhos.

Era notável a maneira por que se combinava, no serviço, a animação mais ardente e sôfrega, com a ordem mais severa, disse-me uma testemunha.

Frontin venceu.

Quinze dias antes se houvesse levantado a sério a questão das águas, quinze dias antes houvesse aparecido o bravo engenheiro, inundados violentamente os canos, pestilências do esgoto urbano, com os milhões de litros do fornecimento prometido, quantas dezenas de vidas poupadas ao miasma e ao sepulcro?!...

Quis o destino que, com as águas arrancadas à natureza pela energia humana, chegassem simultaneamente as águas do céu, a baixa da temperatura, a declinação da epidemia reinante. Nem por isso é menor a glória de Frontin. O socorro que nos prometeu, em uma hora de cruel angústia, ele no-lo trouxe justo nas condições espantosas da sua promessa. Não era mais desesperadamente necessário, quando chegou... Tanto melhor para todos.

Por isso, foi uma festa tão profundamente comovedora a recepção triunfal do dia 25. A não ser nas festas de maio do ano passado, não sei quando se viu tão sincera, tão completa, tão palpitante expansão de entusiasmo nas ruas do Rio de Janeiro.

Os leitores do *Diário de Minas* estão informados pela imprensa da chegada do trem do Rio do Ouro tarde, por causa das manifestações, nas diferentes estações, chegando as moças a traçarem cordas de flores de lado a lado da via férrea para obrigar o comboio à demora, enquanto Frontin era felicitado e aclamado. Sabem das estrondosas saudações da ponta do Caju, do percurso ovante do itinerário da cidade, principalmente na rua do Ouvidor, onde milhares de pessoas disputavam a satisfação de dar um viva, ao alcance da atenção do benemérito engenheiro. Mas houve um movimento de afeto, uma eloqüência inarticulada de gratidão, no alvoroço popular, que não se notam em todas as festas congêneres: como que a vontade na multidão de possuir, toda ela dous braços apenas para estreitar num único abraço de reconhecimento o peito de seu amigo e benfeitor.

Este traço indefinido e vago os noticiários não o puderam apanhar para transmitir com verdade.

Sentiu-o, porém, sem dúvida, Paulo Frontin, sentiu-o e gozou como a melhor recompensa de seu grande feito.

26 de março de 1889.

Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 31 mar. 1889.

Em compensação do fiasco que fez este ano a grande festa popular do Catete e bairros circunvizinhos, que se concentra em núcleo de esplendor na colina pitoresca da Glória e no pretexto beato da adoração solene da Virgem do Outeiro, houve, domingo passado, com inexcusável entusiasmo a festa de São Joaquim da rua Larga.

O belo trecho de *boulevard* acordou para um júbilo novo do longuíssimo prazo de tristeza que lhe impunha a presença da velha igreja de São Joaquim, fechada para o culto pela interdição sombria que lhe veio de um caso de derramamento de sangue no recinto sagrado da nave.

A novidade da festa naquele ponto da cidade e a circunstância da expectativa iludida do fogo da Glória atraíram espantosa concorrência, delirando o povo com a boa vontade inebriada que consagra às reuniões do seu especial agrado.

Com toda a vantagem social que resulte de uma destas expansões tônicas da alegria popular, esta festa de São Joaquim foi, todavia, de má significação para a cidade do Rio de Janeiro.

A igreja do venerando orago levanta-se como um trambolho no caminho de um dos mais belos melhoramentos topográficos da capital do Império.

Quer como uma esplêndida comunicação direta aberta entre a estação central da Estrada de Ferro D. Pedro II e o porto, quer como um amplo conduto de arejamento franqueado às deslocções higiênicas da atmosfera, em um ponto da cidade onde mais estreitas e mais desencontradamente se cruzam as ruas do Rio de Janeiro - era de imensa utilidade o prolongamento da rua Larga de São Joaquim até a rua Primeiro de Março. Como principal dificuldade de semelhante alteração do traçado urbano, havia a necessidade de desapropriar a igreja de São Joaquim da sua inviolabilidade renitente de Casa do Senhor. Havia justo receio dos embargos de Deus Padre, que bem podia suscitar, diante dos operários da demolição necessária, um piquete de anjos cavaleiros, da milícia daquele temeroso que derribou Heleodoro, no terrível caso da Bíblia. Isto para não falar na ronha birrenta, muito mais difícil de vencer, do sr. antigo bispo Lacerda, hoje conde de Santa Fé, sem dúvida nenhuma oposta à irreverência da medida municipal.

Ocorreu, porém, no templo o fato do sangue, parece que em um conflito eleitoral dos da velha escola. A igreja foi declarada interdita. O referido caso de sangue, com a interdição de canônica consequência, podia ser interpretado (à divindade não repugna que se faça entender uma vez ou outra por símbolos cruentos) como um atestado de que não havia, da parte do céu, grande empenho em aproveitar aquele prédio do patrimônio eclesiástico.

Assim o pareceu compreender a opinião pública, que começou a pensar a sério na utilidade do prolongamento da rua Larga até ao mar. A questão da demolição da igreja de São Joaquim foi debatida desassombadamente. Chegou-se a esperar que, em breves dias, rolariam as torres do templo interdito, para se começar o arrasamento dos casebres insignificantes da rua Estreita.

Urgências mais próximas das despesas municipais e a falta de apresentação da iniciativa particular, para a empresa, como sucede com o alargamento da rua do Senhor dos Passos, fizeram com que se fosse adiando o grande projeto, desviando-se a preocupação pública do assunto, importante sob o ponto de vista da conveniência de higiene e aformoseamento, espaçável, todavia, em vista das extraordinárias despesas requeridas.

Estava não obstante a gente a descansar no sonho de uma razoável esperança, quando nem esta festa...

Tudo está perdido. A igreja, que deixara falar a opinião, reabilitou-se caladinha. Um padre jurista e sabido foi sorratamente lavar do chão do templo o último vestígio da nódoa maldita do passado. E, quando menos se contava, eis que aparece o templo condenado em toda a pureza do culto, em plena pujança de glória, desafiando com a força da religião, as conspirações impotentes da higiene unidas, e da municipalidade.

Vão agora pedir licença para passar, ao templo restaurado e ao rito em função dos seus sacerdotes; vejam se há um buraco, na oposição altíssima do culto, para enfiar o cordel do grandioso alinhamento em que se pensou outrora.

Hausmann, nem Hausmann o fabuloso Hausmann das

comptes phantastiques de Ferry, o fabuloso reconstrutor de Paris, nem ele, que o sr. Ferreira Nobre chamasse ao Rio, para levar avante a rua Larga, conseguiria adiantar uma linha, além daquele obstáculo formidável de lanternas venezianas, coretos, fogos de artifício, entusiasmo popular, religião em campo, que os padres hábeis de São Joaquim ali mostraram, domingo, como a bazófia iluminada da sua resistência.

23 de agosto de 1889.

Diário de Minas. Juiz de Fora, MG, 25 ago. 1889.

Ainda vibravam, no ânimo da família imperial, as impressões do grande baile que, nos salões do Cassino Fluminense, ofereceu o comércio, em comemoração das bodas de prata da sereníssima princesa imperial e seu augusto consorte, gratas impressões, como devia produzir a homenagem dos representantes idôneos das classes poderosas da nação, que se andava a imaginar distanciadas do trono, em represália de despeito contra excelsa consumadora do grande golpe de maio do outro ano; ainda viviam recentes as recordações da festa, de uma festa efusiva e sincera como não é muito de uso, na monarquia brasileira, consagra-se aos príncipes; quando veio a notícia do passamento de el-rei d. Luís I abafar bruscamente toda a alegria.

O momento nacional, caracterizado por uma precipitação vertiginosa de festas, paralisou-se repentinamente, em respeito ao luto da Imperial Casa e, ao mesmo tempo, a imensa mágoa que veio contristar a nação portuguesa.

Todas as festas projetadas em honra dos marinheiros chilenos foram declaradas suspensas.

Nas ruas, onde, há pouco, tremulava o pano largo das bandeiras, arvoradas em sinal de regozijo pela chegada dos ilustres viajantes despiram as meias hastes de funeral. Todas as repartições públicas brasileiras, acompanhando o Consulado Português, todas as associações portuguesas, as inúmeras que há na Corte, muitas nacionais, muitas casas particulares decoraram-se com essa demonstração de condolência. Os negociantes portugueses cerraram as portas dos seus estabelecimentos. As associações portuguesas vestiram de crepe as inscrições das suas fachadas. O edifício de granito retalhado e mármore do Gabinete Português de Leitura, na rua Luís de Camões, desfraldou das altas sacadas sobre as rendas de pedra do pórtico manuelino largos panejamentos negros, infundindo, com o fúnebre contraste da cantaria branca, meio encoberta por extensas zonas de cor preta, o efeito de contrição que viria de um mausoléu colossal.

Foram proibidos os espetáculos de toda espécie. Os bailes de algumas sociedades já anunciados para o sábado, dia imediato

ao do falecimento do monarca, foram adiados, tal qual o famoso, do governo aos chilenos, no edificio da ilha Fiscal, que, falhando, rendeu a algumas instituições de caridade uma lauta e inesperada distribuição de manjares, tudo que se podia deteriorar, do que os comissários da festança tinham mandado preparar para o grande banquete.

Durante três dias, tivemos o Rio de Janeiro mergulhado na atonia melancólica da mais perfeita representação de tristeza que é possível realizar uma cidade.

O Farol. Juiz de Fora, MG, 27 de out. 1889.

Tenho apenas tempo de arranjar uma nota do dia, rascunhada sobre o joelho, num rápido intervalo da vertigem dos acontecimentos que constituem hoje, 15 de Novembro, a *Vida na Corte*.

Na Corte, se nos é permitido ainda designar com esta denominação monárquica a capital da pátria brasileira.

Como aos leitores devem ter informado, quando se publicar esta nota, os telegramas desta folha e a leitura ávida das folhas do Rio de Janeiro, o elemento militar, unido em formidável movimento de solidariedade, derribou o ministério Afonso Celso.

O aspecto da cidade, na manhã de hoje, foi o mais extraordinário e imponente que se pudera imaginar.

Depois de intimarem ao governo a retirada do poder, as tropas desfilarão pela cidade em marcha triunfal.

É indescritível o entusiasmo das praças no delírio da vitória recente.

Nas fileiras da infantaria, sobre o galope irrefreável dos bravos ginetes da cavalaria, de cima dos bancos das carretas da artilharia carregadas de caixas de munições, os soldados esqueciam-se da correção da disciplina para expandir-se em vivas à nação brasileira, em saudações calorosas ao povo.

As ruas centrais encheram-se de multidão, atraída pelos boatos que rápidos correram por toda a cidade.

A multidão, fraternizando com a força pública, enchia o espaço com o rumor de estrondosas aclamações.

Depois do passeio, em que impressionou profundamente a união de todos os corpos militares da cidade, cavalaria de lanceiros, cavalaria de carabineiros, artilharia montada, todos os batalhões de infantaria e artilharia, escolas militares, imperiais marinheiros, fuzileiros navais, até o corpo de polícia da Corte, oitocentas praças que foram mandadas contra o general Deodoro e que se entregaram ao comando da sua espada, os soldados recolheram aos quartéis na maior ordem.

Depois da poderosa exibição guerreira das marchas da manhã, aquela festa de entusiasmo de homens robustos fardados de negro, sacudindo ao sol o brilho das espadas e das baionetas,

através de um tumulto de carros de artilharia sobre o calçamento e toques de clarins e alvoroçados clamores, foi notável o grande dia de sossego que se seguiu na cidade.

Não há notícia de menor desordem.

Os diretores do movimento revolucionário reunidos em casa do general Deodoro no Campo de Santana, em duas longas conferências deliberaram a respeito da constituição do Governo Provisório e das primeiras medidas de garantia da segurança pública. Durante essas conferências, circulavam pela cidade as graves notícias das resoluções da comissão de salvação pública, naturalmente firmada pelos valentes iniciadores da revolução, como a prisão do ex-presidente do Conselho, prisão do sr. Cândido de Oliveira, detenção em um dos portos do Sul do sr. Silveira Martins, de viagem para esta cidade; constava ao mesmo tempo o sobressalto do imperador, da princesa imperial, a recusa do convite endereçado ao general Deodoro pelo imperador por intermédio dos srs. Correia e Dantas, para apresentar-se à conferência. Apesar da gravidade da situação, do caráter excepcional das notícias e dos boatos, a fisionomia geral da cidade é a do completo repouso e da absoluta paz.

Às onze e meia da noite, à porta do *Diário de Notícias*, foi afixado o boletim com a lista dos ministros do Governo Provisório.

Circunstância interessante: nessa hora, o sossego público, assegurado pela distribuição de rigorosa polícia organizada pela revolução vitoriosa, o sossego público era tão perfeito que não houve quase povo para tomar conhecimento da grande notícia.

Passada a agitação deste momento, enviarei em crônica completa uma impressão mais minuciosa dos acontecimentos.

15 de novembro de 1889.

O Farol. Juiz de Fora, MG, 17 nov. 1889.

*BIBLIOGRAFIA
DE/SOBRE O AUTOR*

BIBLIOGRAFIA

- Uma tragédia no Amazonas*. Rio de Janeiro: Tip. Cosmopolita, 1880. 120p.
- As jóias da coroa. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro: mar./maio 1882. Transcrito na *Revista da Academia Brasileira de Letras* nº 14, 15, 16, 17, de jul., out., dez. 1920 e mar. 1921.
- O Ateneu. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro: 8 abr./18 maio 1888. (Em volume em 1888, com 368 p.)
- Canções sem metro*. Rio de Janeiro: Tip. Aldina, 1900. 77 p.
- O Ateneu. (Crônica de saudades). 2ª ed. Rio de Janeiro: Liv. F. Alves, 1905. 274 p. ilus. (Edição definitiva conforme os originais e desenhos deixados pelo autor.)
- Canções sem metro*. Rio de Janeiro: Casa Mandarino. 1941. 109p.
- POMPÉIA, Raul. *Trechos escolhidos*. Apresentação e org. Temístocles Linhares. Rio de Janeiro: Agir, 1957. 130 p. ilus. (Col. Nossos Clássicos, 8).
- IVO, Lêdo. *O universo poético de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: São José, 1963. 250 p. (Com numerosos textos de Pompéia.)
- OTAVIO, Rodrigo. *Festas nacionais*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1883. p. I-XXIII. (Prefácio de Raul Pompéia, 24 fev. 1893, publicado também pela Tip. G. Leuzinger & Filhos, 1893. 27 p.)
- O Ateneu (em quadrinhos). Rio de Janeiro: Editora Brasil América, 1959.
- As jóias da Coroa*. São Paulo: Clube do Livro, 1962. 142 p. (Com diversos trabalhos).
- Alma morta. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro: 22 fev./27 abr. 1886. A mão de Luís Gama. A morte de Luís Gama. A andorinha da torre. In: SCHMIDT, Afonso. *O canudo*. São

- Paulo: Clube do Livro, 1963.
- Uma tragédia no Amazonas*. São Paulo: Clube do Livro, 1964.
Trad. francesa: *L'athénée. Chronique d'une nostalgie*. Trad.
François Duprat - Luiz Dantas. Paris: Pandora, 1980.
- COUTINHO, Afrânio, org. *Raul Pompéia*. Civ. Brasileira: 1981
(Col. Fortuna Crítica, n° 7).
- Agaleria ilustrada*. Curitiba, 20 nov. 1888 - 22 jul. 1889. (Can-
ções sem metro e contos). A Secretaria de Cultura do Estado
do Paraná e a Biblioteca Pública Municipal de Curitiba pu-
blicaram a *Gazeta* em edição fac-similar, 1980).

SUGESTÕES DE LEITURA SOBRE O AUTOR

- ABEN-ATTAR NETO. A dignidade política em Raul Pompéia. *Autores e Livros*, Rio de Janeiro, (19): 410, 21 dez. 1941.
- ABREU, João Capistrano de. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Ed. por José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954-56.3 v. Em diversas cartas há referências e comentários sobre Raul Pompéia. Ver índice no fim dos vols.2 e 3.
- . In: ---. *Ensaio e estudos*. (1. sér) Rio de Janeiro: Liv. Briguiet, 1931. p. 239-41.
- . *Autores e Livros*. Rio de Janeiro: (19): 415, 21 dez. 1941.
- ALVES, Henrique L. O conspirador da abolição. In: SCHMIDT, Afonso. *O canudo*. São Paulo: Clube do Livro, 1963. p. 77-83.
- AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 1960. p.113-4.
- ANDRADE, Mário de. O Ateneu. In: ---. *Aspectos da literatura brasileira*. Rio de Janeiro. Americ-Edit., 1943. p. 221-36. Repr. de Pompéia, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1954. Introdução (1941).
- ARARIPE, Júnior. Tristão de Alencar. O movimento literário de 1893. In: *Obra crítica*. Rio de Janeiro. Fundação Casa de Rui Barbosa, 1963. v.3. p.105-93.
- . Raul Pompéia. *Almanaque brasileiro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1906. p.251-5.
- . *Autores e livros*. Rio de Janeiro: 1 (11): 196, 26 out. 1941.
- . Raul Pompéia como esteta. *União Acadêmica*. Rio de Janeiro: 2 (2): 110-7, Set. 1897.

- . In: --. *Obra crítica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1963. v. 3. p.257-64.
- . Raul Pompéia. O Ateneu e o romance psicológico. In: --. *Obra crítica*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1960. v. 2. p.125-77.
- . Recordações do Club Rabelais. In: --. *Obra crítica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1970. v. 5. p. 21 -30.
- ATAYDE, Tristão de. Política e Letras. In: LEÃO, Carneiro et alii. *A margem da história da República*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1924.
- AZVEDO, Raul de. *Na rua* (Papéis avulsos). Lisboa: Tip. A. M. Pereira, 1902.
- . *Confabulações*. Lisboa: Aillaud & Bertrand. 1919. p. 161 -7.
- BANDEIRA, Manuel. ed. *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana*. 3. ed. Rio de Janeiro: 1951. p. 179.
- BARROS, Jaime de. O romancista do Ateneu. In: --. *Espelhos dos livros*, 1. série. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1936. p. 247-54.
- BESOUCHET, Lídia, FREITAS, Newton. Raul Pompéia. In: --. *Diez escritores de Brasil*. Buenos Aires: M. Gleizer, 1939. p.61-5.
- . In: --. *Literatura del Brasil*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1946. p. 67-73.
- BIBLIOTECA NACIONAL. *Exposição comemorativa do nascimento de Raul Pompéia*. Pref. Adonias Filho. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1963.
- BITTENCOURT, Liberato. *Academia Brasileira de Letras: estudo crítico de patronos e ocupantes*. Rio de Janeiro: Of. Graf. do Ginásio 28 de setembro, 1941-43. v.2. p. 43-4.
- BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. v.7. p. 99, 422.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- BRAYNER, Sonia. *Labirinto do espaço romanesco*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1979.
- BROCA, José Brito. *Raul Pompéia*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1956. 80 p. ilus. (Grandes vultos das letras, 21).
- CÂNDIDO, Antônio, CASTELO, J. Aderaldo, ed. *Presença da*

- literatura brasileira* (História e antologia). São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964. v.2, p. 266-83.
- CARPEAUX, Oto Maria. A propósito do centenário de Raul Pompéia. *Leitura*, Rio de Janeiro, (70-71): 10-11, abr./maio 1963.
- . Raul Pompéia. In: —-. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955. p.185-7.
- CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Briguiet, 1925. p. 356-57.
- . O mais poeta dos naturalistas brasileiros. *Autores e Livros*. Rio de Janeiro: (19): 410, 21 dez. 1941.
- CHAVES, Flávio Loureiro. O “traidor” Raul Pompéia. In: —-. *O brinquedo absurdo*. São Paulo: Polis, 1978, 132 p.
- COELHO NETO, Henrique. Raul Pompéia. In: —-. *Páginas escolhidas*. 2ª ed. Rio de Janeiro, S. José, 1957. p. 38-9.
- . Reminiscência. In: —-. *Frutos do tempo*. Bahia, Catilina, 1919. p.5-18.
- CORDEIRO, Francisca de Basto. *Vultos que passaram*. Rio de Janeiro: S. José, 1944.
- COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968. p. 142-45.
- COUTO, Pedro do. *Páginas de crítica*. Lisboa: Clássica, 1906. p. 97-8.
- FALCÃO, Rubens. *Antologia de poetas fluminenses*. Rio de Janeiro: Record, 1968. p. 77-9.
- FILGUEIRA, Fernandes. Raul Pompéia. *Autores e Livros*, Rio de Janeiro: (19): 416, 21 dez. 1941.
- . *Digressões*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1923.
- FONTANA, Dino F. *Literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1968. p. 124-26.
- FREITAS, José Bezerra de. *Forma e expressão no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1947. 364 p. illus.
- GOMES, Eugênio. *Visões e revisões*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958, p. 224-71.
- . Raul Pompéia. In: COUTINHO, Afrânio, org. *A literatura no*

- Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969. v.3. p. 159-67.
- GOMES, J. C. Teixeira. *Camões contestador e outros ensaios*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979.
- GRIECO, Agripino. De Júlio Ribeiro a Raul Pompéia. In: ——. *Evolução da prosa brasileira*. 2ª ed. r=v. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1947. p. 75-81.
- HEREDIA, José López. *Matéria e forma narrativa d'O Ateneu*. São Paulo: Quíron, 1979. (tese de doutoramento em City University of New York).
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. ed. Raul Pompéia. In: ——. *O romance brasileiro de 1852 a 1920*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952. p. 277-8.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Inglês de Sousa. In: ——. *O romance brasileiro de 1752 a 1930*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952.
- IVO, Lêdo. *O universo poético de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: S. José, 1963. 250 p.
- JOSEF, Bella. *Inglês de Souza*. Rio de Janeiro: Agir, 1963. (Col. Nossos Clássicos, n.º 72).
- JUBRAN, Clélia Candida Abreu Spinardi. *A poética narrativa de O Ateneu*. São Paulo: Fac.Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1980. (Tese mimeo.)
- LACERDA, Virgínia Cortes de. *Unidades literárias*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Simões, 1952. p. 287-89.
- LIMA, Edion de. *Lições de literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Salesiana. 1965. p. 275.
- LIMA, Herman. Escritores caricaturistas. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro: 2 (7): 107-24, set. 1957.
- —. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1963. v. 4. p. 1681.
- LIMA, Honório. *Notícias históricas de Angra dos Reis*. 3ª ed. Revista por Alípio Mendes. Rio de Janeiro: S. José, 1974.
- LINHARES, Temístocles. Apresentação. *Raul Pompéia*, trechos escolhidos. Rio de Janeiro: Agir, 1957 (Col. Nossos Clássicos, n.º 8).

- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1967. p. 227-9.
- MAGALHÃES, Valentim. *A literatura brasileira (1870-1895)*. Lisboa: A. Maria Pereira, 1896. p. 24-5.
- MAGALHÃES Júnior, Raimundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974. p. 146-55.
- . ed. *O conto do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959. p. 327.
- MARQUES, Xavier. Elogio de Inglês de Sousa. In: ---. *Discursos Acadêmicos*. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1936. v.5.
- MENEZES, Djacir. O romance naturalista. In: ---. *Evolução do pensamento literário no Brasil*. Rio de Janeiro: Simões, 1954. p. 224-42.
- MENEZES, Raimundo de. *Guimarães Passos e sua época boêmia*. São Paulo: Martins, 1953. p. 125-42.
- . *Dicionário literário brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides*. Rio de Janeiro. J. Olympio, 1977.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Raul Pompéia. In: ---. *Prosa de ficção (1870 a 1920)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1957. p. 107-18.
- MILLIET, Sérgio. *Diário crítico*. (julho 1949 a dezembro 1950). São Paulo: Martins, 1953. v. 7. p. 195-7.
- MIRANDA NETO. O incêndio do Ateneu. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro: 12 de maio 1968.
- MONIZ, Heitor. Raul Pompéia. In: ---. *Vultos da literatura brasileira (1ª série)* Rio de Janeiro: Marisa, 1933. p. 121-31.
- MONTENEGRO, Olívio. Raul Pompéia. In: ---. *O romance brasileiro de 1752 a 1930*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953. p. 107-23.
- MORAES, Carlos Dante de. Raul Pompéia e o amor-próprio. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, (12): 7- 14, set/dez. 1948.
- . *Realidade e ficção*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação, 1952. p. 23-4.

- MORAES NETO, Prudente de. *The Brazilian Novel*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943. p. 23-4.
- MOTA FILHO, Candido. *Ensaio sobre a timidez*. São Paulo: Martins, 1969.
- MOUTINHO, Nogueira. No centenário de Raul Pompéia. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 21 abr. 1963.
- MURAT, Luís. *Panorama da poesia simbolista*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1973. v.1. p. 227-39.
- OLIVEIRA, Franklin de. *Viola d'Amore*. Rio de Janeiro: Ed. Val. 1965. p. 189-97.
- OTÁVIO FILHO, Rodrigo. *Inglês de Sousa*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1955.
- PACHECO, João. *O realismo*. São Paulo: Cultrix, 1963. p. 144-51.
- PAES, José Paulo, MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1967. p. 41 e 198-99.
- PAULO FILHO, M. O romancista de O Ateneu. In: Academia Carioca de Letras. *Cadernos*. Rio de Janeiro: (23): 79-81, 1960/61.
- . João Paraguassu (pseud.). Raul Pompéia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro: 6 jul. 1968.
- PEREGRINO JÚNIOR. Problemas psicológicos do romance brasileiro. -- O problema Raul Pompéia. In: Academia Brasileira de Letras. *Curso de Romance*. Rio de Janeiro: 1952. p. 53-5.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *La Literatura Brasileira*. Firenze, 1972. p. 422-29 e 454.
- PONTES, Elói. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1935. 337 p. illus., est. facs.
- REGO, José Lins do. Raul Pompéia. In: ---. *Conferências no Prata*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946. p. 47-80.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva, ed. *Panorama da poesia brasileira; parnasianismo*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1959. v.3, p.204-10.
- ROIG, Adrien. *Modernismo e realismo*. Rio de Janeiro: Presença, 1981.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954.

- SAEZ, Bráulio S. *Vieja e Nueva Literatura del Brasil*. Santiago do Chile, Biblioteca Americana, 1935. p. 40.
- SCWARTZ, Roberto. *A sereia e o desconfiado*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1965.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 4. ed. São Paulo: J. Olympio, 1964. p. 501-02.
- —. *Raul Pompéia*. Vassouras: Tip. Wilfrido Silva, 1941. 20 p.
- TORRES, Arthur de Almeida. *Retrato psíquico de Raul Pompéia*. Niterói: Tip. J. Gonçalves, 1967.
- —. *Raul Pompéia (Estudo psico-estilístico)*. Niterói, Gráfica Waldeck, 1968. 2. ed. melh. Rio de Janeiro: São José, 1972.
- VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a história da Academia de São Paulo*. 2ª ed. Brasília: INL, Cons. Fed. Cultura, 1977. 2v.
- VERISSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. p. 297-3.
- VÍTOR, Nestor. *A crítica de ontem*. Rio de Janeiro: L. Ribeiro, 1919. p. 235-39.

COLEÇÃO BIBLIOTECA CARIOCA

A ERA DAS DEMOLIÇÕES/HABITAÇÕES POPULARES, de Oswaldo Porto Rocha e Lía de Aquino Carvalho. 1986, 1995. Volume 1.

AFORAMENTOS: INVENTÁRIO SUMÁRIO, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. 1987. Volume 2.

RIO DE JANEIRO: CIDADE E REGLÃO, de Lysia Bernardes e Maria Therezinha de Segadas Soares. 1987, 1995. Volume 3.

A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS, de João do Rio. 1987, 1991, 1995. Volume 4.

O GARATUJA, de José de Alencar. 1987. Volume 5.

HISTÓRIA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, de Delgado de Carvalho. 1988, 1990, 1994. Volume 6.

AS MULHERES DE MANTILHA, de Joaquim Manuel de Macedo. 1988. Volume 7.

DIÁRIO DO HOSPÍCIO/O CEMITÉRIO DOS VIVOS, de Lima Barreto. 1988, 1993. Volume 8.

UM RIO EM 68, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. 1988. Volume 9.

DESABRIGO, de Antônio Fraga. 1990, 1995. Volume 10.

PEREIRA PASSOS: UM HAUSSMANN TROPICAL, de Jaime Larry Benchimol. 1990, 1992. Volume 11.

*AVENIDA PRESIDENTE VARGAS: UMA DRÁSTICA CIRUR-
GIA*, de Evelyn Furquim Werneck Lima. 1990, 1995. Volume 12.

AMULHERE OSESPELHOS, de João do Rio. 1990, 1995. Volume 13.

MISTÉRIOS DO RIO, de Benjamim Costallat. 1990, 1995. Volume 14.

BOM-CRIOULO, de Adolfo Caminha. 1991. Volume 15.

O MUNDO DE MACHADO DE ASSIS, de Miécio Táci. 1991, 1995. Volume 16.

DOS TRAPICHES AO PORTO, de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão. 1991. Volume 17.

O RIO DE JANEIRO DA PACIFICAÇÃO, de Paulo Knauss de Mendonça. 1991. Volume 18.

A CIDADE MULHER, de Alvaro Moreyra. 1991. Volume 19.

OS TRANSPORTES COLETIVOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, de Maria Lais Pereira da Silva. 1992. Volume 20.

NATUREZA E SOCIEDADE NO RIO DE JANEIRO, org. Maurício Abreu. 1992. Volume 21.

NO RASCUNHO DA NAÇÃO: INCONFIDÊNCIA NO RIO DE JANEIRO, de Afonso Carlos Marques dos Santos. 1992. Volume 22.

ESTAÇÃO RIO, de Maria Augusta Machado da Silva. 1992. Volume 23.

NEGOCIANTES E CAIXEIROS NA SOCIEDADE DA INDEPENDÊNCIA, de Lenira Menezes Martinho e Riva Gorenstein. 1993. Volume 24.

ASTROPAS DAMODERAÇÃO, de Alcir Lenharo. 1993. Volume 25.

BAMBAMBÃ!, de Orestes Barbosa. 1993. Volume 26.

AS RAZÕES DO CORAÇÃO, de Afrânio Peixoto. 1994. Volume 27.

JOÃO DO RIO: CATÁLOGO BIBLIOGRÁFICO, de João Carlos Rodrigues. 1994. Volume 28.

AUGUSTO MALTA: CATÁLOGO DA SÉRIE NEGATIVO EM VIDRO, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. 1994. Volume 29.

SEBASTIANÓPOLIS, de Adelino Magalhães. 1994. Volume 30.

A INDÚSTRIA DO RIO DE JANEIRO ATRAVÉS DE SUAS SOCIEDADES ANÔNIMAS, de Maria Bárbara Levy. 1994. Volume 31.

TIA CIATA E A PEQUENA ÁFRICA NO RIO DE JANEIRO, de Roberto Moura. 1995. Volume 32.

O CARNAVAL DAS LETRAS, de Leonardo Affonso de Miranda Pereira. 1995. Volume 33.

A NEGREGADA INSTITUIÇÃO: CAPOEIRAS NO RIO DE JANEIRO, de Carlos Eugênio Libano Soares. 1995. Volume 34.

PAPÉIS VELHOS E OUTRAS HISTÓRIAS, de Machado de Assis. 1995. Volume 35.

MEIOS DE TRANSPORTE NO RIO DE JANEIRO, de Noronha Santos. 1996. Volumes 36 e 37.

FLORESTA DA TIJUCA: NATUREZA E CIVILIZAÇÃO, de Cláudia Heynemann. 1995. Volume 38.

HERÉTICOSE IMPUROS: A INQUISIÇÃO E OS CRISTÃOS-NOVOS NO RIO DE JANEIRO, de Lina Gorenstein Ferreira da Silva. 1995. Volume 39.

HORTO DE MÁGOAS, de Gonzaga Duque. 1996. Volume 40.

COLEÇÃO BIBLIOTECA CARIOCA

Cadastro

Caso você tenha algum interesse em cadastrar-se na COLEÇÃO BIBLIOTECA CARIOCA, preencha este formulário e remeta ao endereço abaixo.

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

- PROFISSÃO: Professor universitário
 Professor de 1º e 2º graus
 Estudante de graduação
 Estudante de pós-graduação
 Outra

INSTITUIÇÃO COM A QUAL MANTÉM O VÍNCULO EMPREGATÍCIO ACIMA CITADO: _____

Caso você desenvolva ou possua alguma pesquisa que tenha como tema a cidade do Rio de Janeiro, informe o título, apresente uma pequena sinopse, o número de laudas datilografadas e sua destinação (tese de doutorado, dissertação de mestrado, monografia de fim de curso, publicação de livro ou artigo, montagem de exposição, projeto técnico etc.)

No que se refere à cidade do Rio de Janeiro, quais são suas áreas de interesse?

Como você conheceu a COLEÇÃO BIBLIOTECA CARIOCA? _____

Remeta este formulário para:

Divisão de Editoração C/DGDI
Rua Amoroso Lima nº 15, sala 106 - Cidade Nova
20211-120 - Rio de Janeiro - RJ





IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA IMPRENSA DA CIDADE
AV. PEDRO II Nº 400 – S. CRISTÓVÃO
TELS.: 589-3623 – 589-7088

Coincidência ou obstinação do homem, que quer sempre matar outro monotonamente perverso? Na mesma cidade do Rio de Janeiro; só que revólver ainda se escreve no original, agente ele de um crime nada original.

“Em um terreno do restaurante Campestre do Jardim Botânico, bateram-se em duelo dous rapazes da imprensa, Germano Haslocher e Pardal Mallet. Duelo legítimo de sangue”, escreve Pompéia em 9 de dezembro de 1888. Que duelantes as ruas assistem hoje a duelar? Todos. Portamos floretes floretíssimos, adagas legítimas, tanques aguçados e expeditos a nos favorecer o flanco e proteger tronco e membros, até que venha a polícia...

Entrego todos vocês às crônicas de Raul Pompéia, esperando que obtenham a mistura medida de prazer e conhecimento.

*Da apresentação de
Virgílio Moretzsohn Moreira*

v41
Raul Pompeia

N 85-85884-06-1

UNICAS DO RIO



RIO
PREFEITURA
CIDAD MARAVILHO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

